

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO**

**ROSA ISABELLE SOUZA DE OLIVEIRA**

**OPAC DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO SESC NO PERÍODO DE 1945 -  
1964**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE  
2017**

**ROSA ISABELLE SOUZA DE OLIVEIRA**

**OPAC DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO SESC NO PERÍODO DE 1945 -  
1964**

Trabalho de conclusão de curso II  
apresentado ao Departamento de Ciência  
da Informação da Universidade Federal  
de Sergipe para obtenção do grau de  
bacharel em Biblioteconomia e  
Documentação

Orientadora: Profa. Me. Gleyse Santos  
Santana

**SÃO CRISTOVÃO/SE  
2017**

#### Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

Oliveira, Rosa Isabelle Souza de

O149c

**OPAC do acervo fotográfico do Sesc no período de 1945-1964** / Rosa Isabelle Souza de Oliveira ; orientadora Me. Glêyse Santana Santos. – São Cristóvão, 2017.  
66 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Ciência da Informação, 2017.

1. Catálogo. 2. Fotografias. 3. Memória Institucional. I. Santos, Glêyse Santana, orient. II. Título

CDU:77  
CDD: 770

**OPAC DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO SESC NO PERÍODO DE 1945 -  
1964**

**ROSA ISABELLE SOUZA DE OLIVEIRA**

Trabalho de conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Ciência  
da Informação da Universidade Federal  
de Sergipe para obtenção do grau de  
bacharel em Biblioteconomia e  
Documentação.

**Nota:** \_\_\_\_\_

**Data de apresentação:** \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr./Me Gleyse Santos Santana  
(Orientador)**

---

**Prof. Me. Júlio César Rocha da Silva  
(Membro convidado – Externo)**

---

**Profa. Dra. Valéria Aparecida Bari  
(Membro convidado – Interno)**

**DEDICATÓRIA**

**Dedico este trabalho ao meu tio Paulo Silva, por ser o meu maior exemplo de bibliotecário e documentalista.**

**À minha querida orientadora, Glêyse Santana Santos pelo apoio, pelo conhecimento e ensinamento transmitido com tamanha paciência.**

**Ao meu tesouro e filho amado por ser minha inspiração para a conclusão desse curso.**

**Ao meu amado esposo pela paciência, compreensão e todo amor demonstrado.**

**À toda a minha família e amigos que sempre acreditaram no meu potencial e pela alegria compartilhada.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por mais essa conquista tão abençoada e importante em minha vida! Ele conhece os desejos do meu coração e sei que foi Ele quem abriu as portas para que eu fizesse esse curso tão desejado, e assim vivesse experiências que jamais esquecerei. Toda honra, toda glória e todo louvor sejam dados ao Rei dos reis e Senhor da minha vida!

Agradeço ao meu amado tio Paulinho por ser sempre presente como um pai, pelo incentivo e todo aprendizado que fez com que eu pudesse realizar essa conquista.

Agradeço ao meu amado esposo Renne Mendez pelo companheirismo, por me ajudar em todos os momentos, por todo amor durante esses anos e principalmente por juntos concebermos Ryan, nosso maior tesouro, fechando esse ciclo com chave de ouro.

Agradeço a toda a minha família (mãe, vó, irmãos, cunhados, sogros, tios, tias, primos e primas) por serem a melhor família.

Agradeço grandemente a minha querida orientadora Gleyse Santana, por incentivar e acreditar no meu potencial, sempre com um humor contagiante, me orientando através dos seus ricos conhecimentos para que eu pudesse concluir essa importante etapa.

Agradeço aos demais professores, queridos mestres, muita obrigada por todo conhecimento transmitido.

Agradeço ao SESC por todas as oportunidades, aprendizados, pela confiança e incentivo que me fizeram ter a certeza de estar no caminho certo.

Agradeço a todos os amigos que fazem parte da minha vida e da minha história pela amizade e por sempre torcerem por mim.

## **RESUMO**

Este trabalho é resultado de uma pesquisa cujo tema aborda a importância da organização e preservação de uma memória institucional fotográfica. Estudou-se o acervo fotográfico do Serviço Social do Comércio de Sergipe (SESC/SE) em seu primeiro período de funcionamento, que se estende de 1945 a 1964 com o objetivo de criar um catálogo online fotográfico como instrumento de pesquisa capaz de auxiliar na busca e identificação das fotografias e consequentemente manter a organização do acervo fotográfico. Como metodologia aplicada para a organização desse acervo, conforme os ditames da arquivística moderna, realizou-se uma pesquisa qualitativa baseada na observação participante – a pesquisa ação e para as informações acerca do material fotográfico recorreu-se aos métodos da pesquisa documental. Contudo, entende-se que existem sérios desafios às instituições quando relacionadas ao modelo de organização, preservação e divulgação do acervo fotográfico. Por meio de estudos e da própria criação do Catálogo Fotográfico do Sesc (1945-1964) foi possível perceber o quanto essa criação é importante para o controle do acervo interno da instituição, como para futuras pesquisa relacionadas à instituição.

Palavras-chave: Memória Institucional. Acervo Fotográfico. Catálogo Fotográfico. Organização.

## **ABSTRACT**

This work is the result of a research in its theme addressed in the scope of the organization and preservation of an institutional photographic memory. The photographic collection of the Sergipe Trade Social Service (SESC / SE) was studied in its first period of operation, which runs from 1945 to 1964 with the objective of creating a catalog online as a research tool capable of assisting in the search of photographs And consequently to maintain an organization of the photographic collection. As a applied methodology, a qualitative research was carried out based on participatory observation - the action research and for the information about the photographic material, the documentary research methods were used for the project to create the SESC catalog. However, it is understood that there are a number of challenges to institutions when it comes to the organization model, the preservation and dissemination of the photographic collection. Through studies and the creation of the Sesc Photographic Catalog (1945-1964), it was possible to perceive how important this creation is for the control of the internal collection of the institution, as well as for future research related to the institution.

**Keywords:** Institutional Memory. Photographic Collection. Photo Catalog. Organization.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> Imagem de Nicéphore Niepce .....	19
<b>Figura 2</b> Primeira fotografia da história .....	19
<b>Figura 3</b> Centro de Atividades Basílio Machado Neto .....	34
<b>Figura 4</b> SESC Centro .....	34
<b>Figura 5</b> Desorganização do Acervo .....	41
<b>Figura 6</b> Pasta Arquivo AZ avulsas.....	42
<b>Figura 7</b> Reunião do Conselho Regional do Sesc, 1948.....	46
<b>Figura 8</b> Ficha Guia Catalográfica.....	46
<b>Figura 9</b> Armazenamento das fotografias.....	51
<b>Figura 10</b> Etapa Principal.....	56
<b>Figura 11</b> Etapa Complemento.....	57
<b>Figura 12</b> Etapa Responsabilidade .....	58
<b>Figura 13</b> Etapa Assunto.....	58
<b>Figura 14</b> Etapa Área/Tema.....	59
<b>Figura 15</b> Etapa Exemplares.....	60

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**SESC – Serviço Social do Comércio**

**EUA – Estados Unidos da América**

**UNIT – Universidade Tiradentes**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>História da Fotografia: breves apontamentos .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>A Fotografia como documento histórico e arquivístico.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3</b>	<b>A Fotografia como Memória Institucional.....</b>	<b>24</b>
<b>2.4</b>	<b>Catálogo Fotográfico como Fonte de Informação .....</b>	<b>28</b>
<b>3</b>	<b>PANORAMA DA TRAJETÓRIA DO SESC EM SERGIPE .....</b>	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>36</b>
<b>4.1</b>	<b>Percurso Metodológico Trilhado.....</b>	<b>39</b>
<b>5</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DO CATÁLOGO FOTOGRÁFICO DO SESC .....</b>	<b>41</b>
<b>5.1</b>	<b>Organização primitiva do acervo fotográfico do SESC .....</b>	<b>42</b>
<b>5.2</b>	<b>Organização secundária do acervo fotográfico do Sesc/SE.....</b>	<b>47</b>
<b>5.3</b>	<b>Criação do Catálogo de Acervo Fotográfico no período de 1945-1964.....</b>	<b>52</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>61</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa possui como tema geral a memória institucional fotográfica. De forma mais específica, aqui se vai estudar o acervo fotográfico do Serviço Social do Comércio de Sergipe (SESC/SE) em seu primeiro período de funcionamento, que se estende de 1945 a 1964. Tal recorte temporal se justifica, pois retrata o período de funcionamento dessa instituição durante a primeira fase democrática do país, e em um momento onde a moderna organização arquivística estava dando os primeiros passos. Dessa maneira, este estudo está inserido na linha de pesquisa Informação e Sociedade do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Sergipe.

Com o surgimento da fotografia no século XIX e seu posterior desenvolvimento, as pessoas sentiram que era necessário fotografar para eternizar o momento vivido. Deixar um registro visual das pessoas, dos acontecimentos e lugares, para o conhecimento geral, tornando-se importante para o futuro e servindo para rememorar o tempo através de suas memórias (RODRIGUES, 2014).

A memória é definida por Jacques Le Goff (2003, p. 419) como o mecanismo de conservar determinadas informações que remetem em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais “o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. E acrescenta que a memória social é um dos meios para se entender os problemas do tempo e da história. A fotografia faz parte dessa memória social.

Dessa maneira, a memória é entendida como o arquivamento de ideias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos que remetem às lembranças. A memória é uma das bases que dá sentido à vida de um indivíduo. Com uma instituição não é diferente, pois ao longo de sua trajetória uma vasta quantidade de documentos é produzida e tornam-se fundamentais para a preservação da Memória Institucional.

Outro aspecto a se destacar é que a fotografia integra os desdobramentos tecnológicos que marcam a sociedade da informação. Para Santos e Carvalho (2009), a sociedade da informação surge após a consolidação da indústria e através das estruturas de informação do século XX. As transformações foram inevitáveis e a tecnologia invadiu e movimentou o planeta, além de representar uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia. Com o advento da

tecnologia, “o homem descobriu o mundo adquirindo informações e conhecimentos não só através da escrita, mas também por meio de informações visuais” (RODRIGUES, 2014, p.64).

Dessa forma, essas informações visuais disseminaram-se por vários países durante o século XX iniciando-se “um novo método de aprendizado do real, em função da acessibilidade do homem dos diferentes estratos sociais à informação visual dos hábitos e fatos dos povos distantes” (KOSSOY, 2001, p.26). Contudo, as informações visuais, em específico a fotografia, não raro, ocupam um lugar nos arquivos institucionais e pessoais, como um registro de momentos significativos. É acerca da memória fotográfica institucional que recai o interesse dessa pesquisa.

Dessa maneira, este trabalho, como anteriormente dito, tem como objetivo observar e discutir a organização arquivísticas do acervo fotográfico do Serviço do Serviço Social do Comércio (SESC) no estado de Sergipe. O SESC, uma instituição de direito privado, quando de sua criação, defendeu o discurso de significar novas possibilidades e/ou novas perspectivas relativas à melhoria do padrão de vida dos comerciários e seus familiares, além de promover o bem estar da sociedade.

Nesse percurso, o SESC foi criando sua memória institucional a partir dos eventos e serviços oferecidos ao seu público interno (comerciários) e externo. Essa memória institucional tem o objetivo de contar sua história através de documentos e imagens, registrar as transformações da instituição no tempo, e divulgar informações que contribuam para todos aqueles que dela precisam.

Sabe-se que, a memória desempenha um papel importante no ato de recordar os fatos históricos passados de cada indivíduo ou instituição de forma que se possa realizar uma trajetória no seu pensamento, ou a fim de buscar lembranças que marcaram época e compartilhar esta sua memória a fim de propiciar momentos inesquecíveis do passado.

Assim, preservar a memória institucional é manter a instituição viva fortalecendo suas bases. Logo, para que essa memória seja preservada, é imprescindível conservar fotos, documentos e objetos. Isto porque o conjunto de informações, encontrados em diversos suportes, armazenados e organizados de acordo com o registro dos fatos, facilita o entendimento acerca da instituição. Nessa preservação não se pode deixar de mencionar as pessoas que se fizeram presentes, pois a história institucional é uma construção que traz em si as marcas dos sujeitos

que delas fazem parte (BRANDÃO, 1996). Tanto os servidores que passaram pelo Sesc como os que continuam trabalhando nele têm dado sua contribuição para construir essa história que se busca preservar.

Contudo, nessa pesquisa, escolheu-se trabalhar com a primeira fase de funcionamento do SESC. Em primeiro lugar por se tratar dos registros mais antigos, referentes a primeira fase de funcionamento. Em segundo lugar, porque essa documentação está guardada no arquivo permanente da instituição e muito pouco foi utilizada para estudos.

Dito isto, as questões norteadoras dessa pesquisa são: de que forma foi organizada e preservada a memória fotográfica do SESC/SE na sua primeira fase de funcionamento?

Dito isto o objetivo geral dessa pesquisa é proceder o levantamento e a organização das imagens fotográficas do período recortado - 1945/1964 – objetivando criar um catálogo fotográfico da história do SESC em Sergipe, como uma primeira etapa para a organização da documentação fotográfica da instituição.

Como objetivos específicos objetiva-se: abordar a importância da Memória Institucional recorrendo aos conceitos de Memória e Fotografia; apresentar um breve histórico acerca do Serviço Social do Comércio no Brasil e em Sergipe; análise da documentação imagética catálogo do acervo fotográfico do Sesc no período de 1945-1964 e proposição de uma metodologia para organização desse acervo conforme os ditames da arquivística moderna.

Este trabalho se justifica em primeiro lugar por evidenciar a memória institucional da primeira fase de funcionamento do Serviço Social do Comércio em Sergipe. Em segundo lugar, por ser a memória institucional um tema ainda pouco estudado no estado de Sergipe no âmbito da Ciência da Informação. Em terceiro lugar, por reconhecer a importância do acervo fotográfico como fonte preciosa sobre o passado, já que compreende os únicos testemunhos do aspecto humano da vida e do cotidiano da instituição, preservando assim a sua memória institucional. Por fim, por criar uma obra de referência, importante tanto para o controle do acervo interno da instituição, como para futuras pesquisas relacionadas à instituição. Isto porque no percurso da história os fatos revelam a “evolução social”. Transformar o passado em memória através da união dos fatos é a chave fundamental para o surgimento de uma trajetória seja pessoal ou institucional.

Na próxima seção, será apresentado o referencial teórico que dará suporte a esse trabalho de pesquisa. Nele serão discutidos, a imagem como elemento de linguagem, o surgimento da fotografia e a construção da memória institucional a partir das fotografias.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A capacidade do homem em desenvolver habilidades para captar informações, memorizá-las e transmiti-las aos seus semelhantes se aprimorou como requisito para sua própria sobrevivência e evolução. Ao lidar com diversas situações perigosas ou não, os homens memorizavam a melhor maneira de resolvê-la e de transmiti-la aos seus semelhantes, a fim de prepará-los para resolver problemas futuros.

Rodrigues (2014 *apud* PANOFISKY, 2007, p. 23 e 24) afirma que o homem é, na verdade, “o único animal que deixa registros atrás de si, pois é o único animal cujos produtos “chamam à mente” uma ideia que se distingue da existência material destes. Outros animais empregam signos e ideias estruturais, mas usam signos sem perceber a relação de significação e ideiam estruturas sem perceber a relação de construção. Dessa forma, este autor entende que:

[...]. Ao buscar significados para situações e fenômenos, o homem primitivo começou a criar signos – inicialmente gestuais e sonoros e, mais adiante imagéticos – que permitissem sua memorização coletiva e transmissão da experiência para outras gerações (RODRIGUES, 2014, p.20).

Assim, os humanos deixaram seus primeiros registros, autenticados, por meio das pinturas rupestres. Encontradas tanto no território brasileiro, como em outros locais do mundo a milhares de anos. O termo “pintura rupestre” significa uma fonte abundante de informações antropológicas de grande valor sobre as sociedades que as realizaram. Esse termo tenta substituir entre os arqueólogos, a consagrada expressão “arte rupestre”. A arte rupestre não se resume a pinturas antigas em rochas, mas se torna um forte aliado para o resgate de um passado pré-histórico, pois além de compreendê-la como um patrimônio importante para a construção de nosso conhecimento sobre os povos antigos, foi a primeira manifestação de arte produzida pelo homem (MARTIN, 1999).

Dentre tantas expressões de culturas, a imagem foi de alguma forma, responsável por grande parte da transmissão do conhecimento, contribuindo para o entendimento de preceitos, políticas, acontecimentos, rotinas diárias entre outros. Assim que os povos se alfabetizavam e tinham o domínio da leitura. O papel de comunicação e de informação passou a ser mais dos textos escritos, embora a



imagem surja como um reforço visual importante para o entendimento e assimilação das informações textuais.

Para Rodrigues (2014, p. 20) os signos imagéticos foram também os sinais mais representativos de uma unidade e de uma representação social das comunidades primitivas, as quais foram marcadas “pela imagem como elemento de linguagem, como ato sémico<sup>1</sup>, como signo dotado de intencionalidade, com capacidade evocatória de objetos, pessoas e eventos”.

Dessa forma, em todo momento o ser humano depara-se com informações imagéticas, apresentadas em diversas formas. Mas, entende-se que as pinturas rupestres foram uma das mais importantes formas sociais de garantir a comunicação cultural e pedagógica da época. Elas refletem, desde muito tempo, a luta pela sobrevivência da mesma forma que sobreviveram para prestar testemunho de como era a sociedade naquele período determinado. Essas pinturas contribuíram para se obter alguns conhecimentos sobre hábitos, animais, rituais religiosos e ações sociais de grupos pré-históricos e também por serem consideradas as primeiras formas de se documentar a informação através de seus registros (RODRIGUES, 2014).

De acordo com Kossoy (2007, p.32), “O papel cultural das imagens é decisivo, assim como as palavras”. As imagens estão diretamente relacionadas ao universo das mentalidades e sua importância cultural e histórica reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória. Com o passar do tempo, novas formas de produção imagética foram surgindo. No século XIX destaca-se o surgimento da fotografia, que revolucionou a memória.

## **2.1 História da Fotografia: breves apontamentos**

Fotografia (do grego photos, "luz", e graphos, "gravação") é um processo técnico pelo qual se obtém o registro de uma imagem mediante a ação da luz sobre uma superfície (chapa, filme ou papel) revestida de uma camada de sais de prata,

---

<sup>1</sup> Conjunto de fatores e condições que constituem a realização da transmissão de uma mensagem. No primeiro lugar é necessário que haja alguma incerteza relacionada com algum facto. Considera-se que factos, determinados completamente pelo contexto, carecem de valor informativo. No segundo lugar é imprescindível a intenção de comunicar por parte do emissor. O receptor tem de ter o conhecimento suficiente do código utilizado, para poder identificar e descodificar corretamente o sinal. Os ruídos, a ambiguidade do sinal ou a má descodificação e interpretação por parte do receptor podem deteriorar o ato sémico (INFOPÉDIA, 2017).

que são sensíveis à luz. Por extensão, inclui-se a formação de imagens que resultam da ação de certas radiações invisíveis (raio ultravioleta e infravermelho) e imagens registradas em outros materiais sensíveis que não contêm prata, por meio de processos químicos ou físicos ou ambos, combinados. Outras técnicas relacionam-se com o processo fotográfico, como o registro de imagens por raios X, feixes eletrônicos e radiações nucleares e a gravação e transmissão de imagens luminosas estáticas ou dinâmicas, na forma de sinais eletromagnéticos (televisão e videoteipe) (VILAR, 2015).

Assim, a fotografia é a geração de imagens através de câmeras fotográficas. Estas últimas são instrumentos que permitem a otimização da incidência de luz sobre um material fotossensível: a luz incide sobre tal material (filme fotográfico) através de uma abertura normalmente munida de lentes da câmera. O filme, por sua vez, ao receber a luz refletida pelo objeto fotografado, tem reproduzido com grande fidelidade em sua superfície bidimensional à imagem do objeto fotografado. Com a evolução dos equipamentos envolvidos nos processos fotográficos, hoje em dia vários acessórios existem para a otimização das imagens, possibilitando a reprodução de imagens sob as mais variadas condições de luz e ainda possibilitando variados resultados de efeitos de luminosidade e cor (VILAR, 2015).

Dessa maneira, a invenção da fotografia foi uma revolução para a história da humanidade. Ao se estudar a história da fotografia, vê-se que existiram referências anteriores para o aperfeiçoamento desse suporte da informação. Assim, outras invenções anteriores, a exemplo da imprensa, serviram de referencial para os idealizadores dos processos fotográficos. Vasquez (2000, p.1) afirma que as tentativas de aperfeiçoamento dos métodos de impressão sobre o papel, foram dominadas pelos chineses no século I e difundidos na Europa seiscentos anos depois, sendo este um referencial para a captura da imagem.

A fotografia é conhecida como a arte de escrever com a luz. Ela é considerada como a criação de uma imagem através da exposição da luz em uma superfície sensível. Sua invenção ocorreu num contexto mundial de grandes transformações sociais, culturais, científicas e tecnológicas causadas pelo movimento da Revolução Industrial.

Em meados do século XIX surgiu a fotografia, quase que simultaneamente na França e na Inglaterra, na era do “maquinismo”. Segundo

Rouillé (2009, p.28) o surgimento da fotografia se aproveitou de uma crise profunda da verdade, de uma perda de credibilidade, que atingiu os modelos de representação, fosse texto ou desenho, demasiadamente dependentes da habilidade manual e da subjetividade humana.

Portanto, a fotografia pode ser considerada como um resultado interdisciplinar, entre física e química, mas quando aplicada em várias áreas do conhecimento, possui caráter multidisciplinar. Ela aparece nas artes quando cria novas poéticas, nas ciências serve como meio documental e na sociedade passa a ilustrar textos variados, como jornais e periódicos, faz parte da vida das pessoas, através dos retratos e instantâneos; estes facilitados pela democratização e industrialização da técnica fotográfica (RODRIGUES, 2014).

O desenvolvimento da fotografia contou com a participação de várias pessoas que buscaram encontrar soluções químicas e físicas para captar, originar e, principalmente, reter mecanicamente uma imagem. Desde 1525 sabia-se do escurecimento dos sais de prata. O trabalho do físico alemão Johann Henrich Schulze, em 1727, e do químico suíço Carl Wilhelm Scheele, em 1777, comprovou que o enegrecimento dos sais se deve à ação da luz. De acordo com Rodrigues (2014, p. 57) as questões químicas mais importantes relacionadas à fotografia iniciaram-se basicamente quando o francês Nicéphore Niépce<sup>2</sup> conseguiu, por volta de 1826, sensibilizar uma placa de metal embebida de um *betume branco da judeia* que se endurecia quando atingido pela luz (VILAR, 2015).

Após inventar o fisionotráfico<sup>3</sup> e a litografia<sup>4</sup>, o francês Joseph Nicéphore Niepce (ver figura 1) obteve, em 1817, imagens com cloreto de prata sobre papel. Em 1822, ele fixou uma imagem pouco contrastada sobre uma placa metálica: as partes claras em betume-da-judeia (insolúvel sob a ação da luz) e as sombras na base metálica. Quatro anos depois, Niecéphore produziu a primeira fotografia da história, tirada da janela de sua casa e preservada até hoje (ver figura 2).

---

<sup>2</sup>

<sup>3</sup> Método prático para desenhar retratos.

<sup>4</sup> Gravura que envolve a criação de desenhos sobre uma matriz (pedra calcária ou metal) com um lápis gorduroso.

**Figura 1 – Imagem de Nicéphore Niepce**



Fonte: J. Rômulo, 2012.

**Figura 2 – Primeira fotografia da história**



Fonte: Typograficos.net, 2013.

E assim surgiram outros procedimentos para o aperfeiçoamento e progresso da fotografia. Louis-Jacques Mandé Daguerre pesquisou com Niepce desde 1829 e dez anos mais tarde lançou o processo chamado daguerreótipo, em que uma placa de cobre prateada e polida, submetida a vapores de iodo, formava sobre si uma camada de iodeto de prata. Exposta à luz numa câmara escura (de quatro a dez minutos, conforme a iluminação do objeto, e com abertura em torno de  $f/15$ ), essa placa era revelada em vapor de mercúrio aquecido, que aderiria às partes onde a luz incidia e mostrava as imagens, fixadas por uma solução de tiosulfato de sódio. Embora o daguerreótipo não permitisse cópias, o sistema de Daguerre logo se difundiu por todo o mundo (VILAR, 2015).

Os tempos de exposição, de início muito longo, encurtaram-se com o trabalho do austríaco Friedrich Voigtländer, que em 1840 criou lentes com abertura maior, e do britânico John F. Goddard, que ressensibilizava a placa com bromo. O químico britânico William Henry Fox Talbot lançou, em 1841, outro processo para obter e fixar imagens, o calótipo. Um papel impregnado de iodeto de prata era exposto à luz em câmara escura, e depois a imagem era revelada com ácido gálico e fixada com tiosulfato de sódio. Daí resultava um negativo, que era impregnado de óleo até tornar-se transparente. O positivo se fazia, como hoje, por contato com papel sensibilizado. Embora o calótipo tivesse menor definição que o daguerreótipo, foi a primeira fase na linha de desenvolvimento da fotografia, dentro da qual o daguerreótipo conduziria à fotogravura, processo utilizado para reprodução de fotografias em revistas e jornais (VILAR, 2015).

Em 1851, o britânico Frederick Scott Archer inventou a emulsão de colódio úmida. A uma solução de piroxilina em éter e álcool, adicionava um iodeto solúvel, com certa quantidade de brometo, e cobria uma placa de vidro com o preparado. Na câmara escura, o colódio iodizado, imerso em banho de prata, formava iodeto de prata com excesso de nitrato. Ainda úmida, a placa era exposta à luz na câmara, revelada por imersão em pirogallol com ácido acético e fixada com tiosulfato de sódio. Em 1864, o processo foi aperfeiçoado e passou-se a produzir uma emulsão seca de brometo de prata em colódio. Em 1874, as emulsões passaram a ser lavadas em água corrente, para eliminar sais residuais e preservar as placas. Três anos antes, no entanto, o britânico Richard Leach Maddox fabricou as primeiras placas secas com gelatina em lugar de colódio. Em 1877, grandes empresas já dominavam o comércio de emulsões rápidas (VILAR, 2015).

Durante sua evolução, ela foi apresentada em vários suportes como vidro, ferro, papel, e contemporaneamente digital. Mas durante esse período de adaptação, não havia uma preocupação enquanto documento, a preocupação era mais artística. A partir da década de 1860, a fotografia passou a ter grande visibilidade nos EUA e Europa, pois a indústria dos aparelhos fotográficos se aperfeiçoava e o comércio lucrava com a circulação desse produto. A câmera fotográfica passou a ter uma função especial, em documentar o cotidiano das pessoas, as religiões, os fatos sociais e políticos, tornando-se um importante instrumento de registro.

Kossoy (1989) enfatiza que o desenvolvimento da indústria gráfica possibilitou a impressão em grandes quantidades do material fotográfico, possibilitando maior disseminação da representação da história por meio da fotografia. Até a segunda metade dos anos de 1970 a fotografia sempre carregou um caráter documental, mas vários estudiosos reveem esse ponto de vista, baseados na ideia de que entre o real e a imagem se encaixa uma série de outras imagens, invisíveis aos nossos olhos, porém admiráveis. E é esse “invisível” que mostrará outra face da fotografia: a fotografia-expressão. Esta propõe outras vias, superficialmente indiretas, mas focadas na história dos fatos, dos acontecimentos.

No contexto nacional, Fernandes Junior (2000) citado por Brigidi (2009) salienta que a fotografia surgiu no Brasil em 17 de Janeiro de 1840, primeiramente em Salvador e depois no Rio de Janeiro, através do abade Louis Compte que viajava para propagar o daguerreotipo, primeiro equipamento fotográfico criado por Louis Jacques-Daguerre e Joseph Nicéphore Niépce, realizando uma demonstração.

Alguns autores, entre eles o fotógrafo Boris Kossoy (1999), contesta sobre a história do inventor da fotografia, chegando a conclusão de que a fotografia surgiu no Brasil através do francês Antoine Hercule Romuald Florence, em 1833. Pelo fato de ter sido concebida no Brasil e não na Europa, a obra de Florence (1830 a 1962) passou anos no esquecimento. Por não ter sido reconhecida, o primeiro processo fotográfico continuou mundialmente conhecido como o daguerreotipo do pintor francês Loius Jacques Nadé Daguerre (1787-1851).

Mesmo com todas as questões sobre a sua invenção e seus inventores, para López (2005) o importante é que a fotografia proporcionou o conhecimento e a visualização de lugares e povos distantes, até então vistos apenas através da pintura ou de relatos de viajantes. De tal modo, embora a sua natureza peculiar e

seu alto poder de representação do real, sendo única e estimada, a fotografia deixou de ser mero instrumento ilustrativo da pesquisa atingindo o status de documento histórico por ser produtora do conhecimento sobre determinados períodos da história e seus acontecimentos.

## **2.2 A Fotografia como documento histórico e arquivístico**

O documento manuscrito ou impresso oficial, durante muito tempo, foi privilegiado como fonte de reconstrução do passado, em detrimento de outros tipos de fontes. Tal noção perdurou até inícios do século XX. Posteriormente, com os estudos de Paul Otlet e da Escola dos *Annales* foi-se desenvolvendo novas noções relativas ao uso de fontes históricas. Outros registros, de fontes visual, sonora e oral passaram a se constituir registros e documentos capazes de fazer compreender um fato ou um período histórico (SOUSA, 2017).

A ausência de registros escritos não poderia significar a impossibilidade de escrita histórica. Então, o documento em seu sentido mais amplo, segundo Le Goff (1990), é reconhecido como documento/monumento, por se tratar de um objeto que está relacionado ao homem e tudo o que ele produz, podendo ser utilizado como fonte da história.

Segundo Brigidi (2009) a fotografia pode ser considerada monumento de valor histórico, pois toda imagem representa de alguma maneira, um fato, um acontecimento, que acabou marcando a história propriamente dita ou eterniza histórias pessoais. No momento em que a fotografia registra algo, entende-se que aquele instante não poderá ser reproduzido novamente, por conter informações sobre a época, os costumes e as tradições que ficam eternizados no instante fotografado. Isso a faz ser única e de caráter documental.

De acordo com Machado (1984), embora exista o caráter documental nessa “Ilusão Especular”, a fotografia se mostra através de sua materialidade. Significa que o que caracteriza o caráter histórico da foto é a definição dos elementos que a compõem enquanto um processo químico. O autor trata a fotografia enquanto técnica. A imobilidade, a pose, é o que constitui a natureza da fotografia. A pose é o momento que eterniza uma ficção e não uma realidade. A ficção decorre do fato de que a pose do fotografado é uma imagem criada, é a imagem que se quer passar, aquilo que imaginamos ser, e não o que somos.

Levando-se em conta que para as pessoas a fotografia exerce funções de memória fisionômica e de memória de vida, para determinadas atividades, ações, acontecimentos e obras pode exercer uma atividade de memória evolutiva registrando, a cada momento, o estágio em que estas se encontram. Essa função, de certa forma, “tem um caráter também histórico-documental, pois pode servir posteriormente, como documento arquivístico de determinados momentos da história do homem” (RODRIGUES, 2014, p.66).

Dessa maneira, a fotografia adquire uma função histórico documental quando assume – em conjunto com outros tipos de documentos, particularmente os textuais – o papel da memória histórica de fatos acontecimentos, costumes, cultura, moda religião, política, esportes etc. (LOPEZ, 2000).

A fotografia com a função histórico-documental faz parte de um conjunto maior de documentos, quase sempre de característica textual, não podendo, em hipótese alguma, ser separada do mesmo, para não perder sua contextualização histórica. No entanto, alguns arquivos e bibliotecas desvinculam as fotos e demais documentos imagéticos dos seus contextos originais, conforme afirma Lopez (2000, p.16)

Os documentos imagéticos de arquivo, seja por sua estética visual, seus suportes, ou por algum outro fato, têm provocado a organização individualizada de unidades documentais, ou, na melhor das hipóteses, a formação de coleções dissociadas de seu organismo produtor, reduzindo as possibilidades de uma compreensão global de seu significado.

As fotografias podem ter diferentes origens e tratar de diferentes assuntos, assim como os documentos históricos. Fotos da chegada do presidente da República em alguma cidade, como matéria principal de um jornal. Ao se tornar, com o tempo, um documento com característica arquivística, essa matéria transforma a foto num documento histórico-documental. Fotos da construção de algum monumento importante, um prédio histórico, por exemplo, que ao longo do tempo se tornou um documento técnico de um escritório de arquitetura, da mesma forma com caráter histórico-documental.

Normalmente a criação de uma fotografia vincula-se a um objetivo específico, seja ele de caráter particular ou profissional. Muitas fotos feitas por motivos particulares, com intuito meramente de eternizar um momento específico podem no futuro tornar-se registros histórico-documentais em virtude de pessoas e/ou fatos nelas retratados (RODRIGUES, 2011).



É importante destacar os aspectos a serem considerados na leitura de imagens fotográficas para fins documentários, cujo foco é a passagem do momento da fotografia como documento e objeto de memória para a fase de fotografia como signo, objeto da linguagem, bem como o tratamento das informações contidas nos documentos fotográficos conectadas a realidade representada (LACERDA, 2012).

A narrativa fotográfica tem como elemento principal o tempo e a ordem sequencial dos detalhes. É um conjunto de informações reunidas e cruzadas a partir da grade de análise da imagem. Ela também estuda a fotografia enquanto documento, especialmente, aquela que compõe acervos, tanto de arquivos como centros de documentação, museus ou bibliotecas (MANINI, 2002).

O objetivo da análise documentária é a elaboração de representações que facilitem a recuperação da informação e na localização do documento fotográfico. Logo, não é um processo imediato e envolve consecução em longo prazo, principalmente, quanto ao tempo para obtenção dos resultados.

Para Laerte (2012) existem alguns parâmetros para fazer a leitura de imagens que antecede a análise documentária: o histórico de sua produção, o processo fotográfico histórico, se foi digitalizada ou não e respeitar a política institucional e características da instituição.

### **2.3 A Fotografia como Memória Institucional**

A noção de fotografia como uma extensão da memória, possibilitou a esta um papel fundamental na informação e no conhecimento do ser humano. As imagens nos fazem lembrar cenas que não se repetirão jamais em nossas vidas.

A fotografia ganha destaque como uma metonímia visual que ilustra o cotidiano do ser humano, engloba o imaginário social, induz comportamentos, direciona o olhar e consegue modificar o mundo ao nosso redor. É um objeto de estudo próprio para se “fazer” memória (BRANDÃO, 1996).

Para Kossoy (2012) a fotografia e a memória se confundem por serem uma fonte inesgotável de informação e emoção. É a memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior.

A fotografia se apresenta de forma silenciosa, mas nos faz gritar, gemer, formando turbilhão de discursos em torno dela, onde o passado e o presente se fundem como uma memória ativada pela fotografia que tem como atributo ser capaz de congelar uma realidade, um instante para toda uma posteridade, por exemplo, uma fotografia de 1945 da Segunda Guerra Mundial, não retrata somente aquele instante enquanto documento, mas uma realidade vivida e uma memória perpetuada. Tão logo, a antiga imagem ressurge ao ser revisitado por alguém que a faz uma memória pessoal ou coletiva (LE GOFF, 1990)

Em 1945, Halbwachs (1990) revolucionou o pensamento de sua época ao afirmar que o fenômeno da recordação e localização das lembranças não pode ser percebido e analisado se não forem levados em consideração os contextos sociais que servem como base para a construção da memória. E em 1990 o autor confirma que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

A memória coletiva engloba as memórias individuais, mas não se confunde com elas, evoluindo conforme suas leis. Quando ocorre de determinadas lembranças individuais a invadirem, estas mudam de aspecto na medida em que “são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBWACHS, 2013, p. 72). Quanto à memória individual, diz Maurice Halbwachs:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2013, p. 72).

Desta forma, as lembranças se destacam em primeiro lugar na memória de um grupo que foram vivenciadas pelos membros desse grupo. Contudo, um grupo pode manter relações com outros grupos e a partir dessa relação resultar em muitos acontecimentos e muitas ideias.

Para Le Goff (1990) a “memória coletiva” é observada ao indicar que este termo deve ser utilizado para os povos sem escrita, onde predominava a figura do “homem-memória”, e os conhecimentos eram transmitidos de forma oral, e explica que o surgimento da escrita traz um desdobramento desta memória: a celebração através de um monumento, de um acontecimento memorável e a sua respectiva

comemoração e a memória ligada a um documento, suporte específico para o registro de forma escrita, que dali em diante

Apesar de Le Goff (1990) não citar o termo “memória social” conclui-se que existe uma lógica a partir do seu raciocínio sobre a “memória ligada ao documento”, na qual utiliza esses registros ainda agregados na sociedade como uma dinâmica de relações pautadas na comunicação e na troca de informações o que transformaria então a memória coletiva dos povos sem escrita em memória social.

Na segunda metade do século XX, com o crescimento e desenvolvimento da sociedade, e o surgimento de empresas, fica evidente a existência da memória social quando se observa a preocupação com a sua preservação. Nesse sentido Maurice Halbwachs (2006) analisou o caráter e o papel social da memória quando criou o termo “estrutura social da memória”. Para ele, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares nos quais essa memória será preservada.

Pierre Nora (1993) e Le Goff (1990) definem os lugares de memória como lugares topográficos os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como cemitérios ou arquiteturas; lugares emblemáticos como comemorações, peregrinações, aniversários; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações, sendo estes memoriais por carregarem sua história. Sem esquecer os lugares da história, os criadores da memória coletiva: estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem a memória.

No referido estudo, destacam que as instituições têm um papel importante na construção da memória social, pois se esforçam por fazerem parte integrante dos meios sociais e políticos da sociedade, além de serem reconhecidas como fontes produtoras de informação, seguindo o pensamento de Fontanelli (2005) citado por Ruedas et al (2011) sobre a questão da identidade que se apresenta pela preservação da Memória Institucional como destaque para justificar sua valorização:

Trabalhar com a memória de uma empresa é trabalhar com as memórias de cada um de seus integrantes que se reconhecem como tais e, assim, constroem as identidades individuais e a coletiva - imprescindíveis para o desenvolvimento da instituição (FONTANELLI, 2005, p. 11).

A riqueza de uma instituição é de certa forma, composta por aqueles que dela fizeram e fazem parte e ao longo do tempo mostram sua contribuição. Nela,

seus colaboradores notam-se ligados por laços de reconhecimento mútuo. A instituição, entretanto, não sobrevive somente enquanto esforço dos que nela trabalham, mas também enquanto realidade reconhecida pelo corpo social a que pertence; enquanto realidade tomada da existência humana (LE GOFF, 1990). Logo, se trata de uma união da vivência institucional, cujo elo requer sua afirmação histórica e ao mesmo tempo encontrar um momento em que seja valorizada a vontade social de recordar.

Existem poucas definições sobre Memória Institucional, já que seu significado sempre aparece associado ao termo Memória Organizacional ou ainda Memória Empresarial. Os primeiros significados para organização e instituição são encontrados nos dicionários Aurélio (1999) e Houaiss (2001) mostrando que são definições usadas diretamente como sinônimos.

Dentro desse contexto, Choo (2006) observa que a informação está presente em todos os processos organizacionais e assim, para perceber a sua relevância no contexto organizacional é necessário que a empresa compreenda os aspectos processuais e humanos pelos quais a informação se transforma em percepção, conhecimento e ação.

É a partir da década de 1970, que a Memória Institucional começa a ser tratada de forma sistemática, por conta dos estudos sociológicos, antropológicos e históricos voltados à questão da memória. As empresas compreendem que para seu crescimento seria importante registrar e preservar sua memória. Rueda et al (2011) ressalta que:

Na mesma época no Brasil a Memória Institucional vinha sendo tratada de forma mais acentuada em Centros de Memória, mais comumente nos órgãos públicos, em algumas instituições privadas e com maior prevalência em instituições acadêmicas. Fatores como o fim da ditadura, o processo de redemocratização, a promulgação da Constituição de 1988 e o início do acesso às revoluções tecnológicas, abriram a possibilidade de resgatar informações, para se conhecer a história do país e disponibilizar essas informações de forma organizada e transparente à sociedade.

Preservar a memória por meio da fotografia, e especialmente a memória institucional não requer somente resgatar o passado. Mas também compreender as diferenças e reconhecer os limites de cada período. É ter referenciais sólidos para construir o presente e projetar o futuro. É descobrir valores e renovar os vínculos. É refletir sobre a história, não apenas como quem recorda, mas exercitando uma verdadeira *práxis*, em que a reflexão e a prática se comunicam (RUEDA, 2011).

## 2.4 Catálogo Fotográfico como Fonte de Informação

Segundo Cunha (2010, p. 34) “a localização o acesso, interpretação e avaliação da informação são cruciais em qualquer área técnica”. Contudo, para que tal objetivo seja alcançado é preciso um exaustivo caminho. O de recolher o material disperso, ou dar ordem a conjuntos documentais guardados sem a utilização da devida metodologia de gestão de documentos. Dessa forma, toda ação de organização dos acervos é extremamente importante.

No caso do acervo fotográfico do SESC Sergipe, quando se iniciou o processo de organização da documentação fotográfica, pensou-se na elaboração de uma ferramenta de pesquisa que facultasse aos usuários uma maior objetividade quando da procura por algum documento específico. Após reunião, decidiu-se pela criação de um catálogo como fonte de informação.

Quanto à organização das fotografias e a criação de uma fonte de informação - o catálogo, observou-se a necessidade de entender a importância de tê-lo e como explorá-lo. O catálogo faz parte dos vários tipos de instrumentos de pesquisa, que são ferramentas utilizadas para descrever um arquivo com exatidão, apresentando quais são e onde estão os seus documentos.

Segundo o Houaiss (2011) catálogo pode ser definido como uma relação de itens, desde que superior a uma página. Os itens citados são registros, sejam eles textos, fotos, ilustrações ou outro *corpus* documental. Para o *Glossário de Terminologia Arquivística* (2005) é um instrumento de pesquisa organizado segundo critérios temáticos, cronológicos, onomásticos ou toponímicos, reunindo a descrição individualizada de documentos pertencentes a um ou mais fundos de forma sumária ou analítica.

Para Ciência da Informação, os catálogos são uma das modalidades de fontes de informação. Como fonte de informação entende-se os “meios utilizados para equacionar problemas informacionais estabelecidos pelo esforço de converter as necessidades em resultados práticos através das diversas formas de conhecimento”. Ou seja, ferramentas definidas como instrumentos disponibilizados pelas unidades de informação para fornecer informações e/ou acesso sobre a busca, o uso e a aprendizagem de fontes de informação, especialmente as bases de dados bibliográficas (BELLUZO, 2003, p. 10).

Já para a terminologia arquivística, consiste em um instrumento de pesquisa organizado segundo critérios temáticos, cronológicos, geográficos, entre outros, reunindo a descrição individualizada de documentos pertencentes a um ou mais “fundos”, de forma sumária ou analítica. “Os fundos são constituídos por um conjunto de documentos de uma mesma proveniência” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.97).

No geral, tais ferramentas de pesquisa, contêm, informações sobre documentos primários e são arranjados segundo um plano definitivo; “são, na verdade, os organizadores dos documentos primários e guiam o leitor para eles” (CUNHA, 2001, p. IX). O catálogo é um instrumento voltado para a localização específica de unidades documentais. Segundo Mey (1995 p.9):

Catálogo é um canal de comunicação estruturado, que veicula mensagens contidas nos itens, e sobre os itens de um ou vários acervos, apresentando-os sob forma codificada e organizada, agrupadas por semelhanças, aos usuários desse(s) acervos (s).

Existem os catálogos convencionais que dão continuidade à descrição da série iniciada com o inventário, detendo-se em cada item documental e os catálogos seletivos que se referem à escolha de documentos que atendam a critérios temáticos, independentemente de sua posição no plano de classificação. Podem até reunir documentos de fundos e arquivos distintos (LACERDA, 2012).

Somado a catalogação equivale ao tratamento técnico da informação. Para tornar a informação mais acessível a seu usuário, o trabalho dos bibliotecários e dos profissionais da informação, consiste nas seguintes etapas: coletar, registrar, indexar, catalogar e classificar o material bibliográfico. A catalogação dentro dessas etapas representa uma fase decisiva para a descrição do material. Ela deve ser feita em fichas catalográficas ou em planilhas de entrada de dados num sistema informatizado de arquivos (ALBUQUERQUE, 2006).

Dessa forma, os catálogos produzem uma lógica preparada a partir do agrupamento de semelhanças para que a informação seja obtida com precisão e qualidade. A eficiência da busca depende da existência de um vocabulário controlado, através do levantamento de palavras e termos que sejam usados com frequência na descrição dos elementos de conteúdo das imagens, no caso dos catálogos fotográficos. Por fim, é importante destacar que a criação de um catálogo fotográfico do SESC é importante pois dá visibilidade à instituição de guarda,

permite o acesso desse acervo para pesquisas e mesmo questões internas da organização.

### **3 PANORAMA DA TRAJETÓRIA DO SESC EM SERGIPE**

O Serviço Social do Comércio (SESC) é uma referência cultural, educacional e social que ultrapassa os limites das cidades e se estende por todas as regiões do país. A palavra SESC compõe um conjunto de palavras significativas do cotidiano popular como pessoas, saúde, ecologia, lazer, internet, digital, virtual, economia, inflação. São colônias de férias, bibliotecas, teatros, escolas, quadras de esportes, piscinas, cinemas entre outros que servem como ponto de referência e que definem o seu papel social. Para Brandão (1996, p. 8), “[...] sua identidade é a de serviço social”. Segundo Iamamoto & Carvalho (1998, p. 75)

O Serviço Social surge como um dos mecanismos utilizados pelas classes dominantes, como meio de exercício de seu poder na sociedade, instrumento esse que deve modificar-se constantemente, em função das características diferenciadas da luta de classes e ou das formas como são percebidas as sequelas derivadas do aprofundamento do capitalismo.

Nos anos que precedem a criação do Serviço Social do Comércio, nota-se a ocorrência de transformações intensas nesse período. Na obra *Aspectos da História do Serviço Social no Brasil (1930-1969)* o aparecimento da questão social está diretamente relacionado à generalização do trabalho livre substituindo o trabalho escravo. A exploração abusiva a que a classe trabalhadora era submetida e a luta defensiva que o operariado desenvolve, aparecerão para o restante da sociedade burguesa como uma ameaça a seus valores (IAMAMOTO; CARVALHO (1998).

O Brasil acumulou capital durante a guerra e a industrialização se desenvolvia rapidamente. Com isso, o homem do campo vai para a cidade, gerando o crescimento acelerado e desordenado das cidades. Os serviços públicos de assistência entram em crise, as condições de vida são precárias. Surgem movimentos operários, pois o grupo de proletários, da indústria e do comércio crescia. E essa massa de operários lutava por melhores condições de vida, pela paz social e exigia uma posição do governo (IAMAMOTO; CARVALHO (1998).

Nessa época seria plausível a criação de uma instituição que se responsabilizasse pelos serviços assistenciais para os trabalhadores, embora controlada pelo capital privado. Esse momento histórico foi marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, em que o mundo estava devastado e dividido entre socialistas e capitalistas. Mas, em contrapartida a globalização iniciou sua escala. Houve um maior crescimento econômico no mundo ocidental e as nações começaram a se recompor. No Brasil vivia-se o fim da Ditadura Vargas. Novas eleições, em outubro de 1945, levaram Eurico Gaspar Dutra à presidência e ao início de um Brasil novo.

Segundo BRANDÃO (1996), a trajetória do SESC permite acompanhar a história do Brasil e dos movimentos sociais ocorridos no mundo desde as transformações na sociedade brasileira até a evolução das cidades. Em 1945 acontece a Primeira Conferência das Classes Produtoras, que originou a Carta da Paz Social, cujo objetivo seria encontrar um caminho para a justiça social, discutindo problemas referentes ao salário dos operários, as condições de trabalho, a qualidade de vida, a inflação, o desenvolvimento da economia, criando assim, uma consciência sobre o conceito de serviços sociais e consequentemente mudanças na relação dos empresários com os empregados.

Como resultado dessa conferência, o SESC surgiu no período pós-guerra, marcado pela intensa luta dos movimentos sociais da classe trabalhadora no Brasil. A constituição de 1946 colocava o Brasil no caminho da democracia. Neste contexto, o Presidente da república, embora militar, Eurico Gaspar Dutra, assinou em 13 de setembro de 1946, o Decreto Lei nº 9.853, em que a Confederação Nacional do Comércio ficou encarregada de criar, fundar e administrar o Serviço Social do Comércio (BRANDÃO, 1996).

O SESC foi criado como uma instituição de direito privado, cujos recursos viriam das contribuições exclusivas dos empregadores, ou seja, a instituição é mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo, cabendo ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio a aprovação do regulamento e a fiscalização das atribuições da Entidade (SESC, 1992). Em seu texto de diretrizes gerais de ação, reeditado em 2010, cita-se sua criação e o objetivo geral de criação da instituição:

O SESC foi criado em 13 de setembro de 1946 como resultado da ação de empresários e organizações sindicais, sob o comando de João Daudt d'Oliveira. Nasceu a Entidade com o objetivo de atender “às



necessidades sociais urgentes” dos trabalhadores no comércio, procurando enfrentar seus problemas, reduzir ou aliviar suas dificuldades maiores e “criar condições de seu progresso”. Reconhecendo os problemas sociais como “problemas de massa e como problemas de estrutura”, o idealizador do SESC definia a ação do serviço social como instrumento de, não apenas, alívio de situações individuais desfavoráveis, mas também de transformação e progresso social (SESC, 2010)

A inauguração da primeira unidade aconteceu no Rio de Janeiro, na época Distrito Federal. No final dos anos 1940, a condição de vida dos brasileiros era deficitária. Várias doenças infectocontagiosas causavam grande mortalidade infantil e a assistência médica precária. O SESC buscou estratégias para aperfeiçoar os serviços de assistência, pois o foco de atuação, à época, foi na área da saúde, principalmente o combate à mortalidade infantil e a tuberculose, doença que atingia milhares de brasileiros (BRANDÃO, 1996).

Diante de tamanha fragilidade, a instituição procurou parceria com o Instituto e Pensão dos Comerciantes (IAPC), o órgão oficial de previdência social. Logo, o SESC ampliou sua ação e expandiu sua atuação de norte a sul do país, sob a forma de Delegacias, que depois seriam transformadas em Centros de Atividades e diversos estados ganham unidades executivas que hoje são conhecidas como Departamentos Regionais (BRANDÃO, 1996).

O texto institucional, editado em 2010 traz ainda as finalidades e objetivos da entidade a saber (SESC, 2010, p.12):

➤ **Finalidades:**

- Contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores no comércio e seus dependentes;
- Contribuir, no âmbito de suas áreas de ação, para o desenvolvimento econômico e social, participando do esforço coletivo para assegurar melhores condições de vida para todos.
- Entenda-se por qualidade de vida as condições materiais e imateriais da existência do trabalhador e de sua família, as condições de emprego e de salário que garantem essas condições e o estado físico, psíquico e social dos componentes do grupo familiar.

➤ **Objetivos:**

- Fortalecer, através da ação educativa, propositiva e transformadora, a capacidade dos indivíduos para buscarem, eles mesmos, a melhoria de suas condições de vida;

- Oferecer serviços que possam contribuir para o bem-estar de sua clientela e melhoria de sua qualidade de vida;
- Contribuir para o aperfeiçoamento, enriquecimento e difusão da produção cultural.

Em Sergipe, foi instalado como Delegacia Estadual em 1948, dois anos após a sua criação no plano nacional. Na ocasião, a Administração Nacional deliberou que o funcionamento das duas instituições em Sergipe - SESC e SENAC - fosse sob o regime de administração regional conjunta, sendo, entretanto, a supervisão efetuada por meio de dois Conselhos Regionais distintos, sob a presidência única do Presidente da Federação do Comércio de Sergipe (COSTA et al., 2002).

Em 22 de abril de 1948, o SESC/SE passou de Delegacia para a categoria de Departamento Regional, sendo seu primeiro presidente José Ramos de Moraes<sup>5</sup>, mesma data em que a Federação do Comércio do Estado foi criada. Suas instalações funcionavam inicialmente em Aracaju, no centro da cidade, à rua João Pessoa, 48, 1º andar, mudando-se em fevereiro de 1960 para sua sede própria à rua Senador Rollemberg, 301, onde até hoje está instalado no Centro de Atividades Basílio Machado Neto e o Ginásio de Esportes Charles Edgar Moritz (ver Figuras 3, 4) (COSTA et al., 2002).

---

<sup>5</sup> Em 1948, quando o país ainda enfrentava sérias dificuldades econômicas em função da 2ª guerra mundial, o empresário José Ramos de Moraes fundou e implantou a Federação do Comércio do Estado de Sergipe, tendo sido seu primeiro presidente, permanecendo no cargo por 27 anos, ajudando a construir um Estado empreendedor (FECOMÉRCIO, s/d).

**Figura 3 - Centro de Atividades Basílio Machado Neto**



Fonte: Foto do Acervo Fotográfico do Sesc.

**Figura 4 - SESC Centro**



Fonte: Foto do Acervo Fotográfico do Sesc .

A trajetória do SESC em Sergipe proporciona um histórico de benefícios sociais e avanços expressivos na qualidade de vida do trabalhador do comércio e de seus dependentes, alcançando igualmente às populações das

idades em que é realizado seu trabalho. Desde sua fundação, a instituição tem oferecido serviços de qualidade nas áreas da assistência, cultura, educação, lazer e saúde. No Estado sua primeira área de atuação foi a saúde pública (assistência à infância, à maternidade, à tuberculose, odontologia e clínica geral), prestando também assistência jurídica, laboratorial e farmacêutica, além de oferecer serviços de enfermagem.

Em 1970, ocorre a desvinculação administrativa com o SENAC, sendo inaugurada a segunda unidade operacional do SESC em Sergipe. Em 31 de março de 1971, com o nome de Centro de Atividades Prof. Carlos Alberto Barros Sampaio, à Rua Bahia, 1059, no bairro Siqueira Campos, após as tentativas fracassadas de implantação de Unidades Executivas nas cidades de Estância e Propriá, ainda na década de 1960, motivadas por discordâncias com Associações Comerciais locais, a partir das quais o SESC pretendia expandir suas ações, beneficiando a classe comerciária local (COSTA et al, 2002).

Atualmente, além das Unidades Operacionais, o SESC em Sergipe conta com uma Unidade no município de Socorro, cujo foco de ação está direcionado às áreas de educação e saúde, uma unidade no centro comercial de Aracaju, denominada COMÉRCIO, com ênfase à área de Nutrição, uma Unidade Móvel denominada ODONTOSESC, composta por quatro (4) equipes para prestação de Assistência Odontológica à clientela de cidades do interior do estado e comunidades periféricas da capital e a Unidade SESC LER Waldemar Silva Carvalho, no Município de Indiaroba (COSTA et al, 2002).

## 4 METODOLOGIA

Nessa seção se vai apresentar a base teórico-metodológica, o caminho que está sendo percorrido, os problemas enfrentados e as reflexões provenientes do processo de produção de um instrumento de pesquisa denominado *Catálogo Fotográfico do Serviço Social do Comércio* (1945-1964). A escolha desse tema visou compreender melhor as peculiaridades dos processos de organização, preservação e guarda de um acervo fotográfico institucional, no caso o Serviço Nacional do Comércio (SESC). A ideia é organizar todo o acervo e a fonte de informação denominada catálogo será a porta de acesso à informação da instituição. Entende-se por catálogo

[...] um meio de comunicação, que veicula mensagens sobre os registros do conhecimento, de um ou vários acervos, reais ou ciberespaciais, apresentando-as com sintaxe e semânticas próprias e reunindo os registros do conhecimento por semelhanças, para os usuários desse acervo. O catálogo explicita por meio das mensagens, os atributos das entidades e os relacionamentos entre elas (MEY; SILVEIRA, 2009, p. 12).

Dessa maneira, esse trabalho busca apresentar pontos importantes da construção do catálogo do acervo fotográfico do Serviço Social do Comércio (SESC) da delegacia do estado de Sergipe. Contudo, antes de prosseguir é preciso salientar que a pesquisadora se inclui como membro da equipe de elaboração dessa fonte de informação. Tal fato levou a busca de uma abordagem acerca do tema.

Ao se pensar sobre o que se queria como produto final do trabalho, esta pesquisa se classifica como qualitativa e está baseada na observação participante, uma vez que ao observar o fenômeno a pesquisadora também é um dos membros da equipe que está realizando o projeto de criação do catálogo do SESC.

A pesquisa qualitativa tem ocupado um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas emaranhadas relações sociais, desenvolvidas em diferentes ambientes. É marcada fortemente por estudos que valorizam o emprego de métodos, que trazem um enfoque voltado para a investigação e obtenção de dados descritivos perante o contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. No entanto, a pesquisa qualitativa envolve estudos que diferem entre si quanto ao método, à forma e aos objetivos (GODOY, 1995, p. 21).

Godoy (1995) afirma que ao considerar a abordagem qualitativa enquanto exercício de pesquisa, deve-se ter em mente que esta não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, pois ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. A pesquisa subsidiou-se ainda, aos elementos da Ciência da Informação, em específico da metodologia arquivística para acervos fotográficos como base para a composição da memória institucional do SESC, por considerar a fotografia e a narrativa como partes dessa composição.

Com relação à observação participante, Segundo Gil (1991. p.17), "a pesquisa participante, assim como a pesquisa ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas". Para ele, o valor da pesquisa participante consiste em tornar os objetos de pesquisa como sujeitos do conhecimento. Contudo, este tipo de pesquisa requer alguns requisitos. O primeiro é a legitimidade e a convergência de interesses dos participantes. A pesquisa participante ainda possui como fundamentos o fato de estar questionando a construção do conhecimento, uma vez que se trata também de uma experiência de ação (MINAYO, 2004; BRANDÃO, 1988). A grande dificuldade prática desse processo é compreender que o pesquisador é também sujeito da pesquisa, uma vez que toma parte direta no processo. Tal participação gera intervenções da equipe acerca do objeto e discussões para a resolução das dificuldades e dinamização do trabalho.

Ainda visando a confecção do catálogo e a prospecção de informações acerca do material fotográfico, recorreu-se aos métodos da pesquisa documental. Entende-se por pesquisa documental é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (CORSETTI, 2006). Constituiu-se uma técnica importante na pesquisa qualitativa, pois possibilita sistematizar as ações para obter informações acerca de um fato, objeto ou fenômeno (OLIVEIRA, 2010).

Em relação ao trabalho do acervo do SESC a equipe vem trabalhando com o *corpus* documental do gênero iconográfico, no caso a fotografia, buscando-se recuperar as informações pertinentes aos eventos, locais e pessoas contidas nessas imagens. Para tanto foi preciso confrontar as fontes escritas e imagéticas, além de se contar com o auxílio de funcionários para identificação dos documentos mais problemáticos e que não apresentavam informações suficientes para classificação.

Percebeu-se logo que existiam documentos institucionais que estão sendo mais fáceis de serem analisados e organizados. Mas, há fotos de caráter pessoal, que estão sendo analisadas e estudadas com maior aprofundamento.

Segundo Godoy (1995) na seleção de documentos o pesquisador deve se preocupar com a codificação e a análise dos dados. E para Bardin (1997) a análise de conteúdo tem sido uma das técnicas mais utilizadas para esse fim, pela característica de poder ser aplicada aos discursos, mas também para sistematizar todas as formas de comunicação, independente da natureza do seu suporte.

Então, a partir dessa leitura decidiu-se que seriam criadas categorias para organização e apresentação das imagens no catálogo. Outra decisão importante nesse momento foi a divisão do acervo em períodos, a saber: a) 1945-1964; b) 1965-1985; c) 1986-2002; e) 2003-2017. Dessa forma, estão contidos nessas divisões puramente metodológicas os seguintes períodos históricos do período republicano brasileiro: primeiro período democrático da República brasileira; a ditadura militar no Brasil; abertura política e redemocratização; período Lula.

Aqui será destacado o primeiro período temporal, fase inicial da instituição, quando esta ainda estava se consolidando no país, que corresponde ao intervalo 1945-1964. Tal período aborda a criação do SESC e tem como parâmetro final o fim da era democrática.

Tal recorte temporal se justifica pelo grande volume documental e em segundo lugar, pela inexistência de uma metodologia de guarda da documentação. Tal fato, causa um atraso significativo aos trabalhos, uma vez que muitas fotografias pertencentes ao acervo, necessitam de uma pesquisa mais aprofundada para que sejam localizadas informações.

Ainda se faz necessário salientar que a ação de organizar o acervo é fruto da reestruturação do SESC/SE como instituição e de seus setores como prestadores de serviço. Foi constatado pelos dirigentes a deficiência em relação ao acesso à informação. Deu-se assim, a necessidade de dotar a documentação produzida em mais de setenta (70) anos de atuação no estado, de uma organização condizente com a moderna arquivística. Foi também objetivo criar um setor onde diretores e funcionários pudessem exercitar a prática da pesquisa aos documentos em geral, bem como ter condições de realizar pesquisas orientadas suprimindo assim a deficiência que existia.

Contudo, o fato mais importante diz respeito a construção da memória institucional do SESC/SE. Nesse projeto identificou-se que a construção da memória institucional é um desafio de grande proporção e envolve muitas questões. O SESC/SE ao longo dos anos passou por constantes transformações e a organização documental, nem sempre acompanhou as metodologias explicitadas na ciência arquivística. Perceber o impacto trazido pela criação da instituição no estado de Sergipe, as mudanças causadas na vida da população e da região, e atestar todo esse impacto por meio das fotografias está sendo um desafio constante.

A memória institucional do SESC está sob a guarda do Arquivo Central da Instituição. Está dividida no conjunto documental impresso e no acervo fotográfico, cuja memória guarda profunda relação com a identidade e a cultura organizacional. Desde a sua fundação, inúmeros registros fotográficos das atividades foram realizados. E o volume de fotografias com o passar das décadas cresceu de forma significativa. Atualmente, esse acervo conta com aproximadamente entre dez a doze mil fotografias.

#### **4.1. Percurso Metodológico Trilhado**

Após a decisão de iniciar a organização do acervo fotográfico da instituição, o primeiro passo foi recorrer a literatura arquivística e buscar uma base para dar início ao projeto. Recorreu-se à pesquisa bibliográfica para levantamento de informações acerca de conservação, classificação, ordenação e preservação documental, especificamente, de acervo fotográfico. Após uma leitura direcionada para classificação, teve início a separação das imagens correspondentes ao primeiro período conforme recortes temporais previamente estabelecidos. Nesse momento, veio à tona a verdadeira situação do acervo fotográfico do SESC.

Havia grande número de massa documental acumulada de forma desordenada e sem os cuidados pertinentes à preservação documental. Após a prospecção e separação das fotos do período, foi iniciado o processo de higienização desse material que após essa primeira fase, seguiu para análise e classificação. Nesse momento, ficou claro que haveria necessidade de se produzir uma fonte de informação acerca dessa documentação, visando não somente o tratamento e a organização, mas o acesso a esse material, tanto para os servidores como para membros externos à instituição.



Nesse momento escolheu-se o catálogo para sistematizar a informação e facultar a localização exata dos documentos desse fundo<sup>6</sup>. A questão que se colocou nesse momento foi: qual o critério de organização desse catálogo? Optou-se por um catálogo segundo critério cronológico, reunindo a descrição individualizada e sumária dos documentos do fundo SESC.

Dessa forma, o trabalho foi dividido nas etapas a seguir: prospecção das fotografias referentes ao primeiro período temporal; higienização do material; criação e preenchimento das fichas de classificação documental; digitalização; acondicionamento; criação do catálogo.

Na seção seguinte, será apresentado os passos da construção do catálogo, os percalços e os avanços em relação ao tratamento e organização dos registros documentais fotográficos do SESC.

---

<sup>6</sup> Os “fundos” são constituídos por um conjunto de documentos de uma mesma proveniência, que pode ser uma organização, instituição ou pessoa (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.45).

## 5 A CONSTRUÇÃO DO CATÁLOGO FOTOGRÁFICO DO SESC

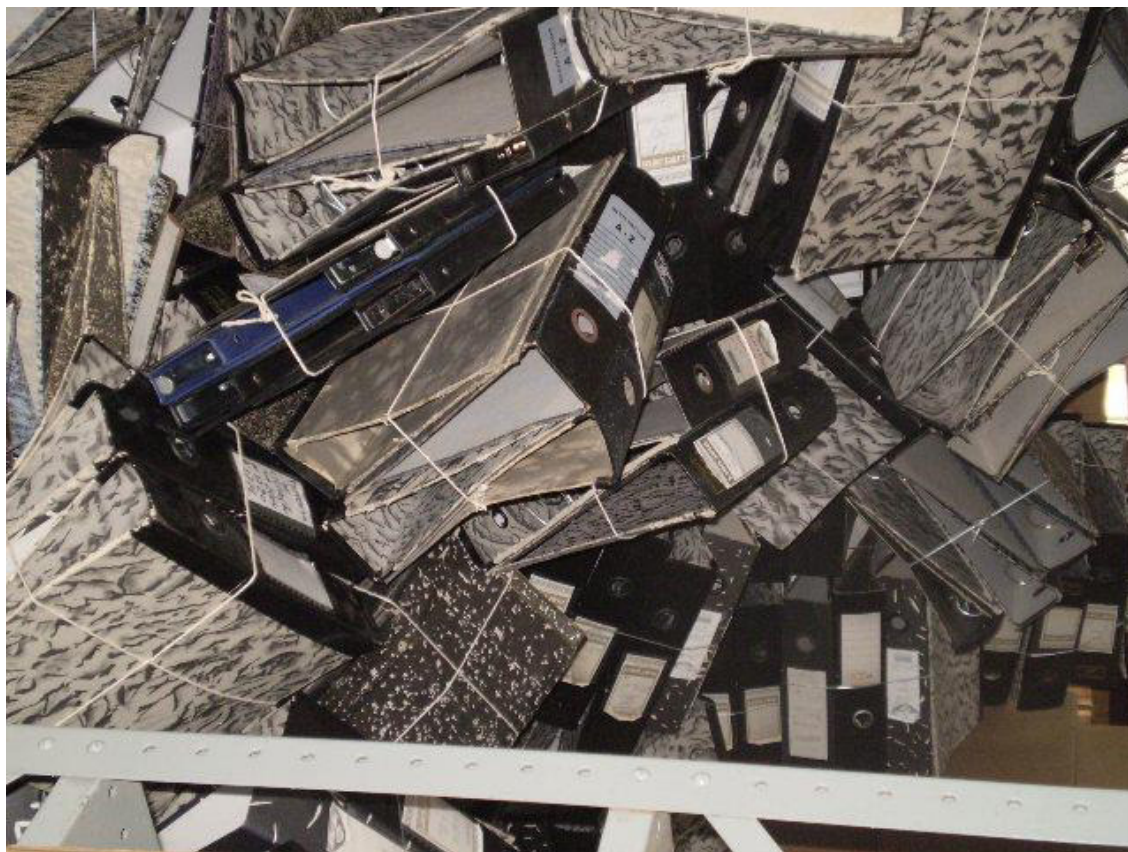
Ao longo de mais de setenta anos o SESC/SE acumulou um acervo documental importante, tanto do ponto de vista contábil e técnico, quanto do ponto de vista administrativo e imagético. Aqui se dará destaque ao acervo fotográfico. O referido acervo ao início dos trabalhos encontrava-se em situação precária e de alto risco (ver Figura 5 e 6), armazenado em condições absolutamente inadequadas sem condições de arquivamento.

**Figura 5 – Desorganização do Acervo**



Fonte: Foto da documentação encontrada no acervo.

**Figura 6 - Pasta Arquivo AZ avulsas**



Fonte: Foto do material encontrado no acervo.

Como se vê nas imagens anteriores o estado de organização do acervo fotográfico do SESC/SE não acompanhava os moldes exigidos pela Constituição Federal em seu art.5º XXXIII que explicita:

Todo têm o direito a receber dos órgãos públicos, privados e entidade, informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob a pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado.

A organização do referido acervo, além da importância mais direta para a instituição e para os interesses particulares dos cidadãos, tem papel fundamental em um processo de mais longa duração: o direito à informação. Eles devem, portanto, ser conservados e organizados de forma que possibilitem a pesquisa administrativa, científica e histórica.

### **5.1 Organização primitiva do acervo fotográfico do SESC**

Embora as fotografias sob guarda do Sesc/SE remontem ao ano de 1946 e contem muito de sua história institucional, a maior parte das fotografias desse acervo estavam em profunda desorganização, e corriam o risco de serem descartadas. Estavam acondicionadas em caixas de papelão, avulsas, sem nenhum tratamento técnico e muitas espalhadas pelas Unidades Operacionais.

Contudo, no ano de 1994, a estagiária do setor de comunicação do Sesc Kátia Maria Borges Nicolau se deparou com inúmeras fotografias oriundas de vários setores e de funcionários antigos, alguns já aposentados. As fotografias estavam desordenadas e expostas as intempéries, a deterioração e sem o mínimo critério de identificação. Então, o setor de comunicação da instituição resolveu tomar a iniciativa de dar um maior cuidado ao material encontrado. Quando se conseguiu reunir todo o material constataram que existiam cerca de três mil fotografias dos últimos 50 anos dos trabalhadores do comércio, dos empresários e das atividades de cunho social que aconteciam no SESC.

Para resolver esse problema, criaram o projeto *Banco de Imagens*. O Banco de Imagens é um sistema de organização de informações, utilizado por empresas privadas e outras instituições, como forma de preservar sua memória. O objetivo do projeto foi criar um arquivo fotográfico, onde os servidores e comerciários pudessem buscar informações para desenvolvimento das suas atividades bem como preservar a memória da instituição.

Tinham como objetivos específicos coletar as fotografias nos diversos setores, catalogar a fim de organizar por coleção, fichar as fotografias para facilitar o manuseio das mesmas e protegê-las. Foi um projeto que recebeu todo o apoio da direção da instituição.

Deste modo, a criação do Banco de Imagens visou a organização das informações. Reuniu e serviu como identificação de todo o acervo, num espaço que constitui a preservação e a trajetória histórico – fotográfica da Instituição.

Apesar da boa vontade e do esforço das funcionárias elas não possuíam o conhecimento para realizar o processo técnico. Foram oito meses de triagem devido ao estado em que as fotografias se encontravam - sem nenhum referencial e até danificadas. Com isso, iniciou-se a fase de pesquisa e identificação. Durante 20 horas semanais realizou-se a catalogação. Foi um trabalho árduo e enfrentou-se algumas barreiras, já que algumas das imagens não possuíam nenhum referencial.

Como metodologia adotaram um sistema baseado nos princípios da catalogação existente para fotografias, acrescido das adaptações que se fizeram necessárias. As fotografias foram coletadas nas diversas Unidades Operacionais e foi realizado um estudo do acervo através de pesquisas, para uma posterior organização das mesmas em conjuntos de fotografias correspondente a um determinado acontecimento. Foram catalogadas pelo título da coleção, tendo como base a razão da fotografia.

Para cada atividade abriu-se uma pasta, visando reunir e agrupar as coleções. Foram arquivadas em ordem numérica crescente, em móveis de aço e de madeira. O plano de ação para realização da organização da documentação imagética ficou assim estabelecido:

- Busca pelas fotografias nas Unidades Operacionais;
- O estudo, exame e seleção de todo o acervo, para que não fosse perdida qualquer informação referente a documentação;
- Catalogação e arquivamento cronológico de quaisquer fotografias relacionadas ao SESC;
- Catalogação e classificação de acordo com as normas da ABNT;
- Acondicionamento das fotografias em invólucros, fabricados apropriadamente;
- Guarda do acervo em materiais que não causariam a deterioração das fotografias;
- Constituição do Banco de Imagens do Sesc, com conotações fotográficas que revelassem o significado histórico da instituição;
- Transcender a memória dos comerciários e sociedade em geral, levando a imagem fotográfica como palavra;
- Administração do acesso e manuseio ao arquivo;
- Divulgação através de rádio, jornais, cartazes e faixa e exposição para avaliação do projeto Banco de Imagem.

A estagiária do setor comunicação sentiu-se satisfeita com o trabalho realizado e decidiu planejar um trabalho para apresentar como trabalho de conclusão de curso.

Dessa forma, ela buscou o apoio do professor de Método e Técnicas de Pesquisa Valfran de Brito e do Professor e Diretor do Arquivo Público. À época Marques Vieira Macêdo. E foi orientada pela professora Nadja Winne (UNIT) e a Assessora de Comunicação do Sesc Rita Simone Barbosa para a execução de seu trabalho de pesquisa.

Durante dois anos pesquisaram e catalogaram o acervo que reunia as fotografias de 1946 até o ano em que estavam. Para isso, também contaram com o apoio de fundadores do Sesc e antigos empresários atuantes do sistema Fecomércio, como o Sr. Hilton José Ribeiro. Vale ressaltar que além da pesquisa, realizaram o fichamento, encadernação e catalogação do acervo.

Seguiram algumas etapas que serviram para destrinchar ainda mais o trabalho, ou seja, fizeram a identificação e pesquisa de datas, lugares, eventos, pessoas retratadas e autoria; elaboração de legendas reprodução; arranjos e codificação; catalogação e indexação; arquivamento dos originais; reproduções e negativos.

A etapa mais importante foi a de identificação de pessoas, por se constituir um aspecto crucial das pesquisas para datar e determinar os assuntos das fotos. Foi um trabalho realizado da forma mais imediata possível com a finalidade de não perder as fontes de informação.

Contudo, como continuidade de todo o processamento técnico criaram um Modelo de Ficha Guia (figura 7), pois a ficha foi produzida como suporte para a realização da análise técnica e de conteúdo das imagens (figura 8). As fichas guia foram colocadas nas pastas suspensas indicando o total de fotografias e a existência ou não de negativos.



**Figura 7 - Reunião do Conselho Regional do Sesc, 1948**



Fonte: Foto do Acervo Fotográfico do Sesc.

**Figura 8 – Ficha Guia Catalográfica**

	<b>SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO</b> ADMINISTRAÇÃO REGIONAL EM SERGIPE
<b>ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO</b>	<b>BANCO DE IMAGENS</b>
P. 02 - REUNIÃO DO CONSELHO REGIONAL Aracaju, 1949 04 fotos 04 x 18 cm. Não contém negativos.	

Fonte: Ficha Catalográfica criada em 1994.

Todo esse trabalho culminou com uma exposição realizada no *hall* da Universidade Tiradentes (UNIT-1), localizada a rua Lagarto, 264. Apresentaram dez

pastas suspensas, contendo fotos em preto e branco e coloridas, mostrando o trabalho desenvolvido durante cinco décadas junto ao comércio local, aos comerciários e servidores. Algumas fotografias emolduradas estiveram em destaque em três expositores confeccionados pela artista plástica Vera Milliot e o trabalho de decoração e organização da exposição ficou a cargo do historiador e artista José Iradilson. Havia três expositores cedidos pelo Arquivo Público, nos quais ficaram expostos: no primeiro, equipamentos e acessórios utilizados no desenvolvimento do trabalho como luvas, pincel, máscara entre outros. No segundo máquinas antigas que fazem parte do acervo e uma mostra de como todas ficariam futuramente, através do CD rum. No terceiro expositor encontravam-se o projeto e uma cópia aberta mostrando o embasamento teórico e a forma inadequada da utilização de algumas fotografias.

Existiu uma coordenação de apoio formada por Ítala Margarete Sazonara, Lívia e Adriano, que fizeram parte do receptivo e da jornalista de Relações Públicas Rita Simone Barbosa.

O evento contou com a presença da Sra. Amélia Uchôa, que na época era a vice reitora da UNIT, Sra. Ana Virgínia Araújo – Diretora Regional do Sesc/SE, Sra. Vilma Vasconcelos – Diretora de Planejamento do Sesc/SE, Sra. Marilene Cruz – Diretora Administrativa, Sra. Excelsa Machado - Diretora de Programação Social do Sesc, Sr. Laonte Gama – Diretor Regional do Senac, Professor Edilson Moura – Chefe do Departamento de Biblioteconomia e Comunicação, Rita Simone Barbosa – Assessora de Comunicação do Sesc, Professora Nadja Winne – Orientadora do projeto e demais professores e colegas.

A estagiária Kátia Nicolau conta que a participação do público foi muito importante, pois durante a exposição, questionavam quanto a cor amarelada de algumas fotografias, cujo efeito ocorre devido a oxidação do substrato adesivo e sobre o tom metálico produzido pela má fixação da prata metálica. Também queriam saber o porquê da colocação de lupas em algumas fotografias. Houve um número considerável de pessoas interessadas em saber quais eram as técnicas adequadas para formação de um arquivo fotográfico e sobre o trabalho desenvolvido pelo Sesc/SE nos 50 anos de serviços prestados a comunidade como mostrava a exposição.

## **5.2 Organização secundária do acervo fotográfico do Sesc/SE**



Inúmeros registros fotográficos foram realizados desde a fundação do Departamento Regional do Sesc, em Sergipe. No ano de 1994 houve uma preocupação em organizar, conservar e preservar o acervo fotográfico do Sesc pela importância em resgatar a memória da Instituição e devido a situação precária em que o acervo se encontrava.

Embora o acervo fotográfico tivesse sido organizado, através do projeto Banco de Imagem, ao longo do tempo não existiu certo cuidado quanto a continuidade da organização e conseqüentemente gerou mais uma vez, um acervo desordenado, exposto a novas intempéries, novo acúmulo de fotografias sem critérios de identificação.

A instituição carecia de um espaço específico que preservasse toda a documentação permanente gerada ao longo de sua trajetória. Lopes (1993) ressalva que outras espécies documentais, dentre elas: os negativos e as ampliações fotográficas, os mapas, as plantas, vídeos, filmes, os microfilmes, disquetes, fitas magnéticas de som e as de computador entre outros geram volumes em quantidades impressionantes. Estas precisam ser guardadas em muitos casos, com investimentos adicionais e em prédios anexos especiais.

O Arquivo Central do Sesc foi um local criado com a finalidade de manter a organização dos documentos como também preservá-los, visando atender as necessidades administrativas e exigências legais, bem como contribuir para a preservação da história da instituição. Hoje é um local composto pelo acervo de documentos textuais, cartográficos e audiovisuais produzidos e acumulados pelas divisões/setores administrativos, imbuídos de caráter informativo, probatório, legal, jurídico, acadêmico, tecnológico, científico, artístico, cultural e histórico.

Ao iniciar como funcionária da instituição, em 23 de julho de 2010, para trabalhar no Arquivo Central da empresa junto com uma equipe contratada para fazer a organização de todo o acervo, nos deparamos com uma documentação amontoada, que apresentava dificuldades de recuperação das informações, deficiência na conservação e presteza no atendimento às consultas.

A criação de um acervo fotográfico no Arquivo Central do Sesc em Sergipe foi uma decisão estratégica para assegurar a guarda dos documentos, incluindo as diversas fotografias e preservar a memória da instituição, pois as inúmeras fotografias oriundas de vários setores e de funcionários antigos estavam armazenadas em um grande armário de madeira danificado.

Embora o acervo fotográfico tivesse passado por uma organização, foi perceptível que estávamos diante de uma “massa documental acumulada”, termo utilizado na arquivística para documentos que, pela ausência ou precária organização, comprometendo a consulta, pois ao longo dos anos o acervo sofreu algumas transformações quando outros objetos foram inseridos, junto com novas fotografias sem qualquer preparo, identificação, informações não registradas e sem seguir as políticas de preservação.

No entanto, aquelas fotografias que um dia foram organizadas e arquivadas, na verdade precisavam de um novo olhar, uma nova organização. A necessidade de organização do espaço resultou na preservação de todo conteúdo informacional da instituição. Pois, o que antes parecia um caos em um amontoado de pastas, caixas e até mesmo avulsos, sem solução prévia, a partir de um despertar para a sua importância, se transformou em um espaço organizado para esse fim.

A organização atual das fotografias, iniciada a partir do processo de revitalização do Arquivo, em 2010, envolveu o tratamento técnico e a identificação de cada documento. Foram realizadas atividades sistemáticas voltadas para a higienização, acondicionamento, levantamento e compilação de informações referentes a cada item documental para o preenchimento da planilha de identificação das fotografias.

A princípio as fotografias foram mantidas por ocasião do projeto anterior armazenadas através das fichas catalográficas. Paulatinamente os procedimentos no trabalho rotineiro com o acervo fotográfico se intensificaram e foi observado desde as primeiras investigações o princípio básico da arquivística nominado “integridade do fundo”, que consiste em resguardar um fundo de misturas com outros, e de eliminações indiscriminadas. Ou seja, foram asseguradas a conservação das fotografias em seus agrupamentos de origem, conforme a procedência.

Para facilitar o trabalho de organização, utilizou-se a identificação do contexto de produção arquivística do documento fotográfico, que buscou o entendimento do processo responsável pela criação do documento fotográfico (no arquivo institucional) e atentando para a ordem original e para a proveniência (como citado acima), pois são importantes para se compreender o porquê da existência da foto em um arquivo.

Ou seja, foi necessário utilizar e desenvolver um método de indexação para as imagens recorrendo a identificação de características originais que pudessem ser usadas para descrever uma imagem e assim satisfazer as necessidades de usuários e pesquisadores.

Dessa forma, iniciou-se o processo de resgate das imagens institucionais. O primeiro passo foi separar as imagens do restante do acervo (composto por objetos como troféus, quadros, livros, fitas de videocassete de cursos e documentos de caráter administrativo e informativo) para dar início ao tratamento técnico.

As imagens antes organizadas estavam acondicionadas em pastas grandes de arquivo em um enorme armário de madeira. No entanto, todas as imagens passaram por um processo de higienização através de uma limpeza mecânica feita com pinceis macios para a retirada de poeira e microrganismos armazenados nas pastas e conseqüentemente nas imagens. Nesse processo, foram retirados cliques metálicos e outros materiais cuja remoção não era complexa. As imagens que estavam avulsas também passaram pelo processo de higienização.

A higienização, acondicionamento e manuseio ocorreu por meio de consulta a um especialista através de um curso de Organização de Acervo Fotográfico. O Manuseio da documentação sempre foi feito com cuidado e com luvas. O material infestado foi separado do resto do acervo para tratamento específico.

Quanto a preservação e conservação, houve um cuidado no controle ambiental e armazenamento das fotografias. Optou-se pelo armazenamento em armários especialmente projetados para a guarda de materiais fotográficos: em arquivos metálicos com gavetas e pastas-catálogo para a guarda das fotos originais (figura 9). Porém a sala de depósito do acervo ainda não é totalmente apropriada devido a alguns problemas: controle de temperatura, controle de umidade relativa do ar e monitoramento ambiental funcionando continuamente, vinte e quatro (24) horas por dia.

**Figura 9 – Armazenamento das fotografias**



Fonte: Foto do Acervo Fotográfico do Sesc.

Quanto ao procedimento técnico, no verso das fotografias era escrito com grafite o número do documento, a data, local da procedência e informações pertinentes. Ao mesmo tempo eram catalogadas e arquivadas cronologicamente para facilitar a pesquisa.

A Identificação do conteúdo informativo do documento fotográfico ocorreu através da identificação de pessoas, evento, local e data da cena retratada; da identificação do autor de registro e do processo fotográfico empregado e no caso de coleção, identificação dos motivos do colecionamento.

Nesse sentido, e pensando na organização geral do acervo, foram criadas coleções levando-se em conta a procedência dos documentos e, também, as temáticas presentes nas imagens. No entanto, quando possível, foi respeitada a proveniência das coleções e a sua coerência interna, segundo as normas adotadas pela arquivística.

No caso de uma coleção, a unidade já está estabelecida e não houve propriamente um arranjo, mas uma classificação temática segundo critérios específicos.

Na organização da coleção foi possível criar dossiês com imagens que não sejam provenientes de um mesmo evento específico, mas que digam respeito a um tema mais amplo que lhes confira um sentido. Imagens únicas, que não encontram similaridade no conjunto documental em tratamento foram consideradas individualmente.

Sempre que possível, os documentos eram agrupados refletindo um mesmo evento ou missão fotográfica em conjuntos – chamados *dossiês* – evitando pulverização de informações similares e repetição de descrições catalográficas desnecessárias. Num arranjo arquivístico, os dossiês são subdivisões inseridas nas séries.

As fontes privilegiadas para a identificação de conteúdo (informacionais e de contexto de produção) de registros fotográficos foram retiradas do próprio arquivo (outras fotos na mesma série, documentos textuais correlatos, recortes de jornais, relatórios, recibos de pagamento de fotógrafos etc); de entrevista com os antigos colaboradores, secretária, etc; entrevista com antigos funcionários; arquivo de jornais e revistas.

Todo o acervo foi trabalhado com a finalidade de garantir estabilização e definição da melhor forma de acondicionamento e de acesso ao material. As imagens e os álbuns de fotografias mais afetados pela ação do tempo e pela forma inadequada de manuseio foram reparados e encontram-se atualmente acondicionados em suportes e mobiliário apropriados.

### **5.3 Criação do Catálogo de Acervo Fotográfico no período de 1945-1964**

Esta subseção apresenta os desafios e as vantagens provenientes do processo de produção de um instrumento de pesquisa nominado Catálogo Fotográfico do Sesc (1945-1964). Para Belotto (2004) o “catálogo” é aquele instrumento que possui descrições de cada peça documental em uma ou mais séries, ou de uma parcela da documentação que tenha sido escolhida respeitando ou não a ordem de classificação.

A documentação fotográfica muitas vezes surge sem classificação, livros de registo, catálogos ou índices que possam auxiliar na identificação dos documentos. Em alguns casos as espécies fotográficas são agrupadas, apenas por

serem fotografias em coleções e há uma separação do restante do arquivo, o que dificulta a compreensão do seu contexto de produção.

Logo, foi constatada a urgência em obter um sistema que permitisse o arquivamento organizado, agilidade e precisão na recuperação das fotografias por meio de critérios apontados como cronológico, temático, geográfico, por procedência (fundos/coleções) e palavras-chave. Então eis a grande questão: como organizar as imagens para facilitar o uso do acervo?

A construção do catálogo do acervo fotográfico do Sesc no período de 1945-1964, surgiu de necessidades identificadas no processo de classificação, análise e preservação da documentação fotográfica oriunda de investigações realizadas em condições de iniciação científica. A ideia de desenvolver esse instrumento de pesquisa foi para organizar a informação de acervos fotográficos, facilitar e viabilizar o acesso das imagens em uma rede memorial.

Diante de tais proposições este trabalho, que tem como principal objetivo criar um catálogo fotográfico à luz da Ciência da Informação e da Documentação, visando a organização da informação de acervos fotográficos, segue uma metodologia de tratamento para uma consequente melhora na recuperação da informação contida em tais documentos.

Diante da situação atual do acervo, passiva de toda organização, existia uma preocupação quanto a ferramenta de pesquisa mais apropriada e que possivelmente seria utilizada para a preservação do acervo imagético. Então, após pesquisas verificamos a necessidade do desenvolvimento de um sistema próprio, capaz de atender as especificidades de nossas análises.

Ao entrar em contato com o bibliotecário da instituição para conhecer o sistema de catalogação dos livros verifiquei e constatei que o sistema também servia para a catalogação das fotografias. Aparentemente seria interessante adquirir o sistema para o Arquivo Central e futuramente colocar a ideia em prática.

O objetivo em adquirir o sistema consistia em encontrar um meio correspondente ao arranjo das imagens e a disposição das informações referentes aos seus aspectos técnicos e de conteúdo. Tornou-se um desafio para atender as necessidades de organização das imagens.

Para fazer a aquisição do sistema entramos em contato com a responsável pelo setor de tecnologia da informação e a direção da instituição e a

partir de então ter o conhecimento preciso sobre todo o processo de construção do sistema.

O Sistema Informa Web é um sistema da rede Sesc formado por um conjunto de rotinas que objetivam a automação dos procedimentos diários de uma biblioteca, ou seja é utilizado nas bibliotecas da instituição em todo o país e foi desenvolvido de forma a permitir que o bibliotecário encontre orientação necessária para a atividade que está realizando, na mesma ordem em que ela se desenvolve nas telas do sistema.

Embora seja utilizado nas bibliotecas é um sistema importante para a catalogação das fotografias por possuir campos específicos para tal procedimento chamado de **Publicações: Inclusão de Material Iconográfico**. Os tópicos do Informa Web foram desenvolvidos para corresponderem às opções encontradas pelos usuários da rotina e com o objetivo de facilitar a consulta, trazendo o resultado de forma rápida e dinâmica.

Cabe ressaltar que é um sistema disponível apenas para os usuários internos, que são os funcionários, e em caso de pesquisas para usuários externos, estes deverão solicitar a permissão a direção e aguardar para serem acompanhados.

Dessa forma, o Sistema Informa Web é um sistema desenvolvido para trabalhar especificamente no ambiente web (Intranet/internet) e sua estrutura é dividida em:

- Sistema
- Controle de Aquisições;
- Controle de Publicações;
- Controle de Atos Jurídicos;
- Controle de Periódicos;
- Controle de empréstimos.

O Informa Web ainda conta com um conjunto de Tabelas que são utilizadas pelas rotinas específicas do sistema. Essas tabelas estão divididas em três grupos que são as Tabelas Auxiliares, Tabelas Gerais e Tabelas Jurídicas.

➤ Nas **Tabelas Auxiliares** consta:

- Apelido para Endereço Eletrônico
- Área/Tema

- Características de Divisão
- Categoria
- Categoria de Usuário
- Classificação/Área
- Curso
- Escolaridade
- Facetas
- Grupo de Unidade
- Identificador
- Idioma
- Localidade
- Moeda
- Motivo de Baixa
- Motivo de Estorno
- Origem de Aquisição
- Qualificação
- Status da Aquisição
- StopWords
- Suporte Físico
- Tipo de Aquisição
- Tipo de Conteúdo
- Tipo de Documento
- Tipo de Período
- Tipo de Publicação
- Tipo de Tese e Unidade
- Nas **Tabelas Gerais** Consta:
  - Assunto
  - Autor
  - Editor
  - Usuário
- Nas **Tabelas Jurídicas** Consta:
  - Complemento do Artigo



- Esfera
- Órgão
- Procuradoria
- Tipo de Alto
- Tipo de Decisão
- Tipo de Movimento
- Tipo de processo
- Tipo de Pronunciamento

O sistema do usuário responsável é formado por cinco etapas que são: Principal, Complemento, Responsabilidade, Assunto, Área/Tema e Exemplos.

O procedimento usado para alimentação do sistema inicia com etapa **PRINCIPAL**. Esta ativa uma janela que indica os itens principais para catalogação da fotografia no computador, após acioná-la inicia-se a alimentação do sistema com a edição das informações da fotografia clicando no campo específico. Só o usuário administrador é quem pode adicionar ou editar, pois são campos restritos.

Os descritores mais utilizados são os mais objetivos que dão possibilidade de que outras análises sejam feitas da imagem (ver figura 10). Eles contêm campos, como por exemplo, tipo, data, autor, local, pessoas, série/coleção.

**Figura 10 – Etapa Principal**

The screenshot displays the 'Informa WEB' interface within an Internet Explorer browser window. The title bar reads 'Informa.Web - Publicações: Inclusão de Material Iconográfico ... - Internet Explorer'. The page header includes the 'Informa WEB' logo and a navigation menu with links: Consultas, Inclusão, Manutenção, Impressão, Estatística, Utilitários, Baixa, Imagem, Conteúdo, and Endereço Eletrônico. The main content area is titled 'Publicações - Inclusão de Material Iconográfico' and features a tabbed interface with the 'Principal' tab selected. The form contains the following fields and controls:

- Tipo:** A dropdown menu with 'FOT' selected.
- Data Cronológica:** A text field with a date format mask 'AAAA/MM/DD'.
- Data de Alteração:** A text field.
- Título:** A text field with a checked checkbox next to it.
- Autor:** A text field.
- Adaptador:** A checkbox.
- et al:** A checkbox.
- Edição/Versão:** A text field.
- Local:** A text field.
- Editor:** A text field.
- Data:** A text field.
- Unidade Física:** A text field.
- Forma de Reprodução:** A text field.
- Dimensão:** A text field.
- Cor:** A dropdown menu.
- Idioma:** A dropdown menu with 'POR' selected.
- Série/Coleção:** A text field.
- Última Alteração:** A text field.
- Grava:** A button.

At the bottom of the form, there is a section for 'Operadores' showing 'Inclusão: CALMEIDA' and a 'REC' checkbox.

Fonte: Sistema Informa Web do Sesc.

A etapa **COMPLEMENTO** corresponde as informações que complementarão os campos da etapa inicial chamada Principal. Não é um campo obrigatório, mas sempre especifica o estado. Nesse caso, o nosso estado Sergipe com a sigla SE e a Unidade Operacional da instituição que pertence a fotografia. Existe também o campo de complemento da Barra de Responsabilidade caso haja outro autor. Para Documentos Eletrônicos colocar o local de acesso, a data e alguma observação (notas) se necessário (ver figura 11).

**Figura 11 – Etapa Complemento**

The screenshot displays the 'Informa.Web - Publicações: Inclusão de Material Iconográfico' web application. The interface is viewed through Internet Explorer. The top navigation bar includes links for 'Consultas', 'Inclusão', 'Manutenção', 'Impressão', 'Estatística', 'Utilitários', 'Baixa', 'Imagem', 'Conteúdo', and 'Endereço Eletrônico'. The main title bar reads 'Informa.Web - Publicações: Inclusão de Material Iconográfico'. Below this, there are tabs for 'Principal', 'Complemento', 'Responsabilidade', 'Assunto', 'Área/Tema', and 'Exemplares'. The 'Complemento' tab is selected. The form contains several input fields and checkboxes: 'Qta. Volumes' (0), 'Qta. Edições' (0), 'Nível de Sigilo', 'Título Original', 'Complemento da Barra de Responsabilidade', 'Local de Acesso', 'Data de Acesso', and 'Notas'. There are also checkboxes for 'Cria Volumes', 'Cria Edições', 'Edição Original', and 'Edição Vinculada'. The 'Unidade de Implantação' is set to 'SE' and 'Unidade' is 'SE-CENTRO'. At the bottom, it shows 'Operadores' with 'Inclusão: CALMEIDA' and a 'Grava' button.

Fonte: Sistema Informa Web do Sesc

A etapa **RESPONSABILIDADE** corresponde somente aos campos de busca ao autor e qualificação, que significa dados do autor. Geralmente é mais utilizada para colocar o autor da fotografia (ver figura 12).

Figura 12 – Etapa Responsabilidade

Informa WEB

Controle de Publicações

Consultas Inclusão Manutenção Impressão Estatística Utilitários Baixa Imagem Conteúdo Endereço Eletrônico

Informa.Web - Publicações::Inclusão de Material Iconográfico - Internet Explorer

Publicações - Inclusão de Material Iconográfico

Ajuda

Principal Complemento **Responsabilidade** Assunto Área/Tema Exemplares

Buscar Autor: [Redacted]

Qualificação: [Redacted] ☐ et al

Nome do Autor	Qualificação	et al

Apagar Seleccionados

Operadores Inclusão: CALMEIDA

Última Alteração: [Redacted]

Fonte: Sistema Informa Web do Sesc

A etapa **ASSUNTO** é mais simples e contém somente o campo de assunto (ver figura 13), como por exemplo reunião do conselho no ano de 1950.

Figura 13 – Etapa Assunto

Informa WEB

Controle de Publicações

Consultas Inclusão Manutenção Impressão Estatística Utilitários Baixa Imagem Conteúdo Endereço Eletrônico

Informa.Web - Publicações::Inclusão de Material Iconográfico - Internet Explorer

Publicações - Inclusão de Material Iconográfico

Ajuda

Principal Complemento Responsabilidade **Assunto** Área/Tema Exemplares

Buscar Assunto: [Redacted]

Unidade	Assunto

Apagar Seleccionados

Operadores Inclusão: CALMEIDA

Última Alteração: [Redacted]

Fonte: Sistema Informa Web do Sesc



Existe o campo de pesquisa destinado ao procedimento de busca das fotografias. A Etapa **ÁREA/TEMA** cadastra uma palavra chave relacionada ao tema da fotografia para que ela seja encontrada (ver figura 14). Por exemplo, ao digitar a palavra *criança* todas as fotografias que estão relacionadas ao termo serão listadas. O adiantamento do índice remissivo permite que uma palavra remeta a outra a ela relacionada. O índice remissivo foi construído para que as ligações temáticas sejam viabilizadas. Este procedimento é uma estratégia de refinamento para os resultados de busca.

Figura 14 – Etapa Área/Tema

The screenshot displays the 'Informa WEB' interface within an Internet Explorer browser. The main window title is 'Informa.Web - Publicações::Inclusão de Material Iconográfico ... - Internet Explorer'. The page header includes the 'Informa WEB' logo and a 'Controle de Publicações' link. A navigation bar contains links: 'Consultas', 'Inclusão', 'Manutenção', 'Impressão', 'Estatística', 'Utilitários', 'Baixa', 'Imagem', 'Conteúdo', and 'Endereço Eletrônico'. Below this, a sub-header reads 'Publicações - Inclusão de Material Iconográfico' with an 'Ajuda' link. A tabbed interface shows 'Principal', 'Complemento', 'Responsabilidade', 'Assunto', 'Área/Tema' (selected), and 'Exemplares'. The 'Área/Tema' tab contains a search field labeled 'Buscar Área/Tema:' with a red input box and a 'Cadastra' button. Below the search field is a table with two columns: 'Unidade' and 'Área/Tema'. At the bottom, there is a button 'Apagar Seleccionados', a status bar showing 'Operadores Inclusão: CALMEIDA', and a 'Grava' button with a 'Última Alteração:' label.

Fonte: Sistema Informa Web do Sesc

E a etapa **EXEMPLARES** contém campos utilizados para o controle das fotografias que estão sendo arquivadas. Não se pode esquecer de colocar o grupo (referente ao estado SE) e a unidade operacional que pertence. O número de registro da fotografia e as datas de registro de inclusão no sistema são os campos que realmente precisam ser preenchidos (ver figura 15).

Figura 15 – Etapa Exemplares

Controle de Publicações

Consultas Inclusão Manutenção Impressão Estatística Utilitários Baixa Imagem **Conteúdo** Endereço Eletrônico

Informa.Web - Publicações::Inclusão de Material Iconográfico - Internet Explorer

Publicações - Inclusão de Material Iconográfico

Ajuda

Principal Complemento Responsabilidade Assunto Área/Tema **Exemplares**

Grupo: SE Unidade: SE-CENTRO Nº do Registro: Nº do Exemplar: Qta. de Exemplares: ☐ Eletrônico

Classificação: Notação do Autor: Complemento: Edição: Nº Volume:

Mínimo: 0 Data de Registro: 28/03/2017 Data de Alteração: 28/03/2017 **Exemplares**

Unidade	Min. Registro	Data	Exemplar	Atualização

Apagar Selecionados

Operadores Inclusão: CALMEIDA Última Alteração: ☒ Grava

Fonte: Sistema Informa Web do Sesc

A eficácia da busca dependia de um vocabulário controlado, cujo objetivo seria a classificação de palavras e termos usados constantemente na descrição das imagens.

Vale ressaltar que há fotografias em que os campos de descritores não são preenchidos por completo por não possuímos as informações pertinentes. Porém existe um cuidado para minimizar esses espaços vazios buscando informações através de pesquisas e entrevistas com funcionários antigos, diretores.

Atualmente o banco de dados ainda passa por transformações para que as coleções sejam organizadas. A organização de acervos tanto materiais quanto eletrônicos exige bastante atenção e tempo por ser um trabalho minucioso que demanda conhecimentos multidisciplinares.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que, a memória do ser humano desempenha um papel importante em recordar os fatos históricos passados de cada indivíduo social de forma que ele possa realizar uma trajetória no seu pensamento, a fim de buscar lembranças que marcaram época e compartilhar esta sua memória a fim de propiciar momentos inesquecíveis do passado.

A partir da década de 1940 percebe-se o início da valorização da imagem ao destacar e focar os primeiros passos, as grandes e iniciais ideias e os movimentos que fomentavam a criação de uma instituição voltada para o serviço social, o surgimento do Sesc.

Tais atividades do SESC em várias áreas passaram a ser registradas imagneticamente em suporte papel. Durante várias décadas e decorrentes de diversos eventos, o SESC acumulou um significativo número de fotografias. Contudo, sem tratamento adequado, levando-se em consideração a importância desse material documental.

Uma primeira tentativa de organizar tal material foi realizada por funcionários e estagiários do setor de comunicação social. Mas, apesar dos esforços e da organização inicial desse acervo fotográfico, não houve treinamento e nem continuidade das ações voltadas para esse acervo, o que causou novo acúmulo desordenado do material.

Em 2010, esse projeto foi retomado, pois o acervo voltava a estar em estado de risco. Nesse processo, identificou-se que a construção da memória institucional é um desafio de grande proporção. O SESC/SE ao longo dos anos passou por constantes transformações. Perceber o impacto trazido por sua chegada ao estado de Sergipe, as mudanças causadas na vida da população e da região, e atestar todo esse impacto por meio das fotografias será um desafio constante.

A produção da fotografia, hoje a todo o momento, tem como resultado a acumulação de milhares de imagens, mesmo quando produzidas só para satisfazer necessidades momentâneas. Contudo, acabam sendo guardadas, agregando valor. A fotografia se torna um objeto/documento que deve ser preservado.

A descrição e constituição dos acervos fotográficos trazem sérios desafios às instituições quando relacionadas ao modelo de organização, preservação e divulgação. Por tal razão nesse processo de organização de todo o acervo, decidiu-

se por criar uma fonte de informação que permitisse um acesso rápido e preciso ao material desejado, seja para fins administrativos ou de pesquisa científica.

Quanto à organização das fotografias e a criação de uma fonte de informação - o catálogo - observou-se a necessidade de entender a importância de tê-lo e como explorá-lo. Organizar acervos materiais ou eletrônicos é um trabalho extremamente importante e cuidadoso que requer conhecimentos multidisciplinares.

A criação do OPAC Fotográfico do Sesc (1945-1964) através do *Sistema Informa Web* partiu da necessidade ter um instrumento de pesquisa que pudesse auxiliar quanto a busca e a identificação das fotografias. Porém, nota-se a necessidade de evolução dos campos em AACR para etiquetas MARC, no sentido de criar pontes de acesso para a recuperação da memória institucional.

Com pesquisas e a ampliação dos estudos foi possível perceber o quanto essa criação é importante não só para a organização do acervo como também para preservar a memória da instituição. No momento, os trabalhos continuam a ser desenvolvidos de forma sistemática e espera-se que até o final do ano de 2017 eles possam estar concluídos e o acervo fique disponível para pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. **Catálogo e descrição de documentos fotográficos: uma aproximação comparativa dos códigos AACR2 E ISAD (G)**. 2006. 188f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BARTHES, R. – **A Mensagem Fotográfica**. Teoria de Cultura de Massas, Adorno et al. Luis Costa Lima, org – #. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

Bauer, M. W. & Gaskell, G. (Orgs.) (2002). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. (P. A. Guareschi, Trad.). (9ª ed.) Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000)2011.

BELLUZO, Célia Regina Baptista. **Novas Condutas de Gestão em serviços de Informação**. São Paulo: USP/SIBi, 2003. Disponível em: . Acesso em: 10 de outubro de 2006.

BORDA, O. F. **Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado do papel da ciência na participação popular**. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Pesquisa Participante. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **SESC 50 anos**. DBA: 1996.

COSTA, Maria Jucilene de Almeida; VASCONCELOS, Vilma Santos; ROSA, Maria Auxiliadora de Oliveira. **A comunicação Interna no SESC SERGIPE na percepção de seus colaboradores**. Monografia da Universidade Tiradentes, Aracaju, 2002.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Para saber mais: fontes de informação em ciência e tecnologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2001.

FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de memória e ciência da informação: uma interação necessária**. 2005. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Fontanelli-Memoria.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2010.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

<http://www.sesc-se.com.br/>



IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 12ª ed. São Paulo: Cortez; [Lima, Peru]: CELATS, 1998.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê, 2001. 168p.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LOPES, LUIZ CARLOS. Arquivópolis: uma utopia pós-moderna. *Ciência da Informação*, Brasília v.22, n.1. jan/abr.1993.

LOPEZ, André Porto Ancona. **As razões e os sentidos**. 2000. 246p. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo.

LÓPEZ, E. L. L. La fotografia como documento histórico-artístico y etnográfico: una epistemología. **Revista de Antropología Experimental**, n. 5, texto 10, p. 1-28, 2005.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. In: Projeto História, nº10, p.7-8, dez.1993.

MACHADO, A. – **A Ilusão Especular: Introdução à Fotografia**. São Paulo, Brasiliense / FUNARTE / Inst.Nac.Fotografia, 1984.

MANINI, M.P. **Análise documentária de fotografia**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva. *Cenário Arquivístico*, v. 3, n. 1, p. 16-28, 2004.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª.ed. São Paulo. Atlas, 2007.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MARTIN, Gabriela, **Pré-história do Nordeste do Brasil** – 3 ed. Atual. – Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999.

MEY, E.S.A.; SILVEIRA, N.C. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

OLIVEIRA, João Daudt d'. **Discurso na instalação do Conselho Nacional do SESC**. 1947.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3.ed.Petrópolis: Vozes, 2010.

PINHEIRO, L. V. R. P. **Fontes ou recursos de informação**: categorias e evolução conceitual. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia. Rio de Janeiro, n.1, 2006. Disponível em: <<http://www.ibict.br/pbcib/include/getdoc.php?id=76&article=251&mode=pdf>>. Acesso em: 20 março. 2017.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica: determinação, delimitação e direcionamento dos discursos da imagem fotográfica**. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Brasília, Brasília.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **História da imagem e da fotografia**. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Brasília, Brasília.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

RUEDA, Valéria Matias da Silva; FREITAS, Aline de; VALLS, Valéria Martin. Memória Institucional: uma revisão de literatura. 2011 . Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SESC E SENAC. Tudo o que você queria saber. **50 anos valorizando o trabalhador do comércio**. 1946-1996.

SESC. **Legislação**. Rio de Janeiro: editado pela Assessoria de Divulgação e Promoção Institucional, 1992.

VASQUEZ, Pedro Karp. **História da Fotografia**: uma introdução. IN:\_\_\_\_\_. Cursi: Fotografia Documental. Rio de Janeiro: [S.N], 2000.